Palavras de um menino que rompem o silêncio do autismo

O QUE ME FAZ PULAR

Naoki Higashida

Com introdução de
David Mitchell

intrínseca

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

O que me faz pular

Naoki Higashida

Tradução de Rogério Durst



Texto em japonês © Naoki Higashida 2007
Tradução para o inglês © KA Yoshida e David Mitchell 2013
Introdução © David Mitchell 2013
Publicado originalmente no Japão pela Escor

TÍTULO ORIGINAL
Jiheisho no boku ga tobihaneru riyu

TRADUZIDO DA EDIÇÃO BRITÂNICA
The Reason I Jump

ARTE DE CAPA E ILUSTRAÇÕES
Kai & Sunny

PREPARAÇÃO
Leny Cordeiro

REVISÃO
Milena Vargas
Shirley Lima

REVISÃO DE EPUB
Juliana Pitanga

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

E-ISBN
978-85-8057-498-2

Edição digital: 2014

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99/3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br




You
Tube


intrínseca

Sumário

Capa
Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Introdução
Prefácio
Pergunta 1
Pergunta 2
Pergunta 3
Pergunta 4
Pergunta 5
Pergunta 6
Pergunta 7
Pergunta 8
Pergunta 9
Pergunta 10
O mistério das palavras desaparecidas
Pergunta 11
Pergunta 12
Pergunta 13
Pergunta 14
Pergunta 15
Pergunta 16
Pergunta 17
Caindo fora
Pergunta 18
Pergunta 19
Pergunta 20
Pergunta 21
Pergunta 22
Pergunta 23
Pergunta 24
O terráqueo e o astronautista
Pergunta 25
Pergunta 26
Pergunta 27
Pergunta 28
Pergunta 29
Pergunta 30
Pergunta 31
Pergunta 32
Pergunta 33
Pergunta 34
Pergunta 35
Verão sem fim

Pergunta 36
Pergunta 37
Pergunta 38
Pergunta 39
Pergunta 40
Pergunta 41
Uma história que ouvi por aí
Pergunta 42
Pergunta 43
Pergunta 44
Pergunta 45
Pergunta 46
Pergunta 47
A grande estátua de Buda
Pergunta 48
Pergunta 49
Pergunta 50
Pergunta 51
Pergunta 52
Pergunta 53
O corvo preto e a pomba branca
Pergunta 54
Pergunta 55
Pergunta 56
Pergunta 57
Pergunta 58
Prefácio ao conto
Estou bem aqui
Posfácio
Sobre o autor

Introdução

O autor deste livro, de treze anos, convida você, leitor, a imaginar uma vida cotidiana em que sua capacidade de falar lhe seja tirada. Explicar que você está cansado, com fome ou dor está tão além dos seus limites quanto conversar com um amigo. Eu gostaria de levar esse exercício reflexivo um pouco adiante. Imagine agora que, depois de perder o poder de se comunicar, aquele editor interno que coordena seus pensamentos desapareceu sem dar qualquer aviso. É possível que você nunca tenha notado que esse editor mental existia, mas, agora que ele se foi, dá para perceber, tarde demais, como o trabalho dele permitia à sua mente funcionar ao longo dos anos. Uma interminável enxurrada de ideias, lembranças, impulsos e pensamentos se derrama sobre você. Seu editor controlava esse fluxo, afastando a maior parte dele e direcionando apenas uma pequena parcela para a sua consideração consciente. Mas agora você está por conta própria.

Sua cabeça, então, é um cômodo onde vinte rádios, todos sintonizados em estações diferentes, berram vozes e música. Não há como desligá-los ou controlar o volume. Esse lugar não possui portas ou janelas, e o alívio só chega quando se está cansado demais para continuar acordado. Para piorar a situação, outro editor até então não identificado também desapareceu sem dar satisfações — o que controlava seus sentidos. De repente, as informações sensoriais do ambiente onde você vive também invadem sua mente, sem filtro de qualidade e em quantidade esmagadora. Cores e formas flutuam e exigem sua atenção. O amaciante de roupas no seu suéter tem um cheiro tão forte quanto o de um purificador de ar borrifado direto em suas narinas. Aquele jeans confortável agora parece arranhar como palha de aço. Sua orientação espacial e sua sensibilidade proprioceptiva também estão comprometidas, então o chão balança como uma barca no mar agitado, e você não tem mais noção de onde os braços e pés estão em relação ao resto do corpo. Você pode sentir os ossos do crânio, os músculos faciais e o maxilar: sua cabeça está enfiada num capacete de

motociclista apertado demais, o que pode ou não explicar por que o ar-condicionado soa tão ensurdecedor quanto uma furadeira elétrica, mas seu pai, que está logo ali na sua frente, parece falar com você por um telefone celular, de dentro de um metrô lotado, em cantonês fluente. Você não consegue mais entender sua língua materna, ou qualquer outra: de agora em diante, todas são estrangeiras. Até sua noção de tempo se foi, o que o deixa incapaz de distinguir um minuto de uma hora, como se estivesse eternamente sepultado num poema de Emily Dickinson ou ficasse preso em um filme de ficção científica sobre viagens no tempo. No entanto, poesias e filmes acabam; sua nova realidade, não. O autismo é uma condição para a vida inteira. Mas até essa palavra, “autismo”, faz tanto sentido para você quanto , αυτισμός ou ऑटज़िम.

Obrigado por permanecer até o final, embora, na realidade, o fim para a maioria de nós envolveria sedação e ser internado contra a vontade, e é melhor nem especular o que viria depois. Contudo, para aqueles nascidos dentro do espectro do autismo, essa realidade sem edição, sem filtros e para lá de assustadora é o que eles têm. Os autistas passam a vida inteira tentando aprender como simular as funções (esses “editores”) com que a genética, como direito de nascença, presenteou o resto de nós. É uma tarefa intelectual e emocional de proporções hercúleas, sisíficas e titânicas, e, se aqueles que a realizam não são heróis, não faço ideia do que tal palavra significa, mesmo que esses heróis não tenham escolha. A própria consciência não é algo garantido, e sim um condicionamento construído, tijolo por tijolo, que requer manutenção constante. Como se não fosse o bastante, pessoas com autismo precisam sobreviver no mundo lá fora, onde “necessidades especiais” é uma gíria engraçadinha para “retardado”; onde crises e ataques de pânico são vistos como chiliques; onde quem requer auxílio por incapacidade é considerado por muitos um aproveitador da previdência social; e onde a política externa britânica pode ser descrita como “autista” por um ministro francês. (Monsieur Lellouche se retratou depois, explicando que nunca imaginou que o uso da palavra poderia ser considerado ofensivo. Não duvido.)

O autismo também não é moleza para pais e acompanhantes, e criar um filho ou filha que tenha essa condição não é trabalho para medrosos — na verdade, o

medo já está com os dias contados quando surge a mais ínfima desconfiança de que Tem Alguma Coisa Estranha com seu filho de um ano e meio. No Dia do Diagnóstico, um psicólogo infantil dá o veredito acompanhado de um velho clichê educado sobre como seu filho continua sendo aquele mesmo garotinho que era antes de essa notícia divisora de águas se confirmar. Daí, você passa pelo corredor polonês das reações: “Isso é tão triste”; “Então ele vai ser como Dustin Hoffman em *Rain Man*?”; “Espero que você não vá aceitar esse suposto ‘diagnóstico’ sem tomar uma providência!”; e a minha favorita: “É, eu disse para o meu médico onde ele deveria enfiar suas vacinas tríplices.” Seus primeiros contatos com a maioria das organizações de apoio vão cravar os últimos pregos no caixão do medo e recobrir você com uma camada de cicatrizes e cinismo tão grossa quanto a pele de um rinoceronte. Até existem pessoas talentosas e competentes se esforçando para apoiar os autistas, mas, com uma regularidade deprimente, as políticas governamentais parecem muito mais interessadas em oferecer água com açúcar e jogar o problema para baixo do tapete que em compreender o potencial de crianças com necessidades especiais e ajudá-las a se tornar membros produtivos da sociedade a longo prazo. O sopro de esperança é que a medicina desistiu de botar a culpa do autismo na sua esposa, por ser uma “mãe-geladeira”, como acontecia até há pouco tempo (pais-geladeira não foram encontrados para prestar declarações), e que não vivemos mais numa sociedade em que autistas são considerados bruxas ou demônios e tratados dessa forma.

Qual seria o próximo passo? Livros. (Provavelmente você já estaria nesse caminho, porque o primeiro impulso de amigos e parentes ansiosos por ajudar é enviar recortes de jornais, sites e leituras diversas, mesmo que só falem superficialmente do assunto.) As publicações sobre necessidades especiais são uma selva. Muitos dos manuais sobre “como ajudar seu filho autista” seguem uma linha doutrinária, com o bondoso auxílio de © e ™. Eles podem até conter ideias úteis, mas lê-los é quase sempre tão deprimente quanto um discurso que tenta convencer você a se filiar a um partido político ou a uma seita. Quanto mais densos são os textos acadêmicos, mais cheios de referências e ricos em pedagogia e abreviações. Claro que é uma coisa boa que especialistas estejam pesquisando o assunto, mas a lacuna entre a teoria e o que está se desenrolando no chão de sua cozinha é muito difícil de cobrir.

Outra categoria traz relatos mais confessionais, em geral escritos por um pai ou uma mãe, descrevendo o impacto do diagnóstico na família e, às vezes, o

efeito positivo de algum tratamento não ortodoxo. Esse tipo de livro é querido pela mídia e aumenta a cotação do autismo no mercado das causas nobres, mas sua função prática me parece limitada e, no geral, o objetivo nem é ser útil. Cada autista apresenta sua própria variação da condição — é mais parecido com padrões da retina do que com sarampo — e, quanto mais incomum é o tratamento que funciona para um, menor a possibilidade de ajudar outro (o meu filho, por exemplo).

Uma quarta linha de publicações sobre o assunto é a autobiografia escrita por pessoas que estão dentro do espectro do autismo. E, nessa categoria, o exemplo mais conhecido é *Thinking in Pictures*, de Temple Grandin. Esses livros costumam ser esclarecedores, mas, quase por definição, tendem a ser escritos por adultos que já estão adaptados. Portanto, não podem me ajudar em meu maior dilema: entender por que meu filho de três anos estava batendo com a cabeça no chão; ou agitando os dedos muito rápido na frente dos olhos; ou sofrendo com uma pele tão sensível que não permitia que ele se sentasse ou deitasse; ou urrando de desespero por 45 minutos quando o DVD com o desenho animado do *Pingu* ficou tão arranhado que parou de rodar no aparelho. Minha leitura rendeu teorias, pontos de vista, piadas e palpites sobre essas situações, mas, sem explicações, tudo o que eu podia fazer era observar, em total desamparo.

Um dia, minha mulher recebeu um livro impressionante que tinha encomendado do Japão, intitulado *O que me faz pular*. O autor, Naoki Higashida, nasceu em 1992 e ainda estava no ensino fundamental quando o livro foi publicado. O autismo dele é tão grave que torna a comunicação verbal quase impossível até hoje. Mas, graças a uma professora persistente e ao seu próprio empenho, aprendeu a soletrar palavras usando uma prancha de alfabeto. Na terra natal do garoto, a prancha de alfabeto é composta pelos quarenta caracteres básicos do *hiragana* japonês, e sua versão ocidental é uma cópia do teclado de computador impressa em um cartão e plastificada. Naoki se comunica apontando na prancha as letras desejadas, soletrando palavras que são transcritas por um ajudante. Palavras que formam frases, parágrafos e até livros inteiros. Os “extras” que completam a prancha incluem números, pontuação e as palavras “Fim”, “Sim” e “Não”. (Embora Naoki consiga escrever e postar em seu blog através do teclado do computador, ele considera essa opção de baixa tecnologia um suporte mais seguro por oferecer menos distrações e ajudá-lo a se manter concentrado.) Já na escola primária, esse método permitiu que ele se

comunicasse e escrevesse poesia e ficção, mas suas explicações sobre por que crianças com autismo fazem o que fazem foram, literalmente, uma resposta às minhas preces. *O que me faz pular*, concebido por um escritor ainda com um pé na infância, e cujo autismo é pelo menos tão complexo quanto o do nosso filho, foi como uma revelação divina. Através das palavras de Naoki, pela primeira vez senti como se o meu garoto estivesse falando conosco sobre o que acontece dentro de sua cabeça.

O livro, no entanto, vai muito além de fornecer informação: oferece uma prova de que, encerrada no corpo aparentemente incapaz do autista, está uma mente tão curiosa, perspicaz e complexa quanto a sua, a minha e a de qualquer um. Quando se executa a tarefa de cuidar de alguém durante 24 horas por dia, sete dias por semana, fica muito fácil esquecer que a pessoa para quem se faz tanta coisa tem, em certos aspectos, até por necessidade, muito mais recursos do que você. Conforme os meses vão se transformando em anos, "esquecimento" pode se tornar "descrença", e essa falta de fé deixa tanto quem cuida quanto quem é cuidado vulneráveis ao pensamento negativo. O presente de Naoki Higashida é restaurar a fé com sua demonstração de acuidade intelectual e curiosidade espiritual, com a análise da sua condição e do meio que o cerca e com seu senso de humor moleque e desejo de escrever ficção. Não estamos falando de sugestões ou vislumbres dessas capacidades mentais: elas estão bem aqui, no livro que (espero) você está prestes a ler.

Se isso não fosse suficiente, o relato, mesmo que de forma involuntária, desautoriza um dos mais tenebrosos mitos sobre o autismo: que as pessoas com essa condição são solitários antissociais e desprovidos de empatia. Naoki reitera várias vezes que não, ele valoriza muito a companhia dos outros. No entanto, como a comunicação é tão repleta de problemas, autistas tendem a acabar isolados num canto, e os que os veem ali pensam: "Ahá, aí está um sinal clássico de autismo." Da mesma forma, se os portadores da doença ignoram os sentimentos alheios, como Naoki poderia afirmar que o aspecto mais intolerável do autismo é a noção de que conviver com ele deixa os outros estressados e deprimidos? Como ele poderia escrever um conto (intitulado "Estou bem aqui", incluído no final do livro) cheio de personagens que demonstram uma vasta gama de emoções e com uma trama concebida para cutucar as glândulas lacrimais? Como todos os mamíferos contadores de histórias, o jovem autor está prevendo as emoções de seu público e manipulando-as. Isso é empatia. A

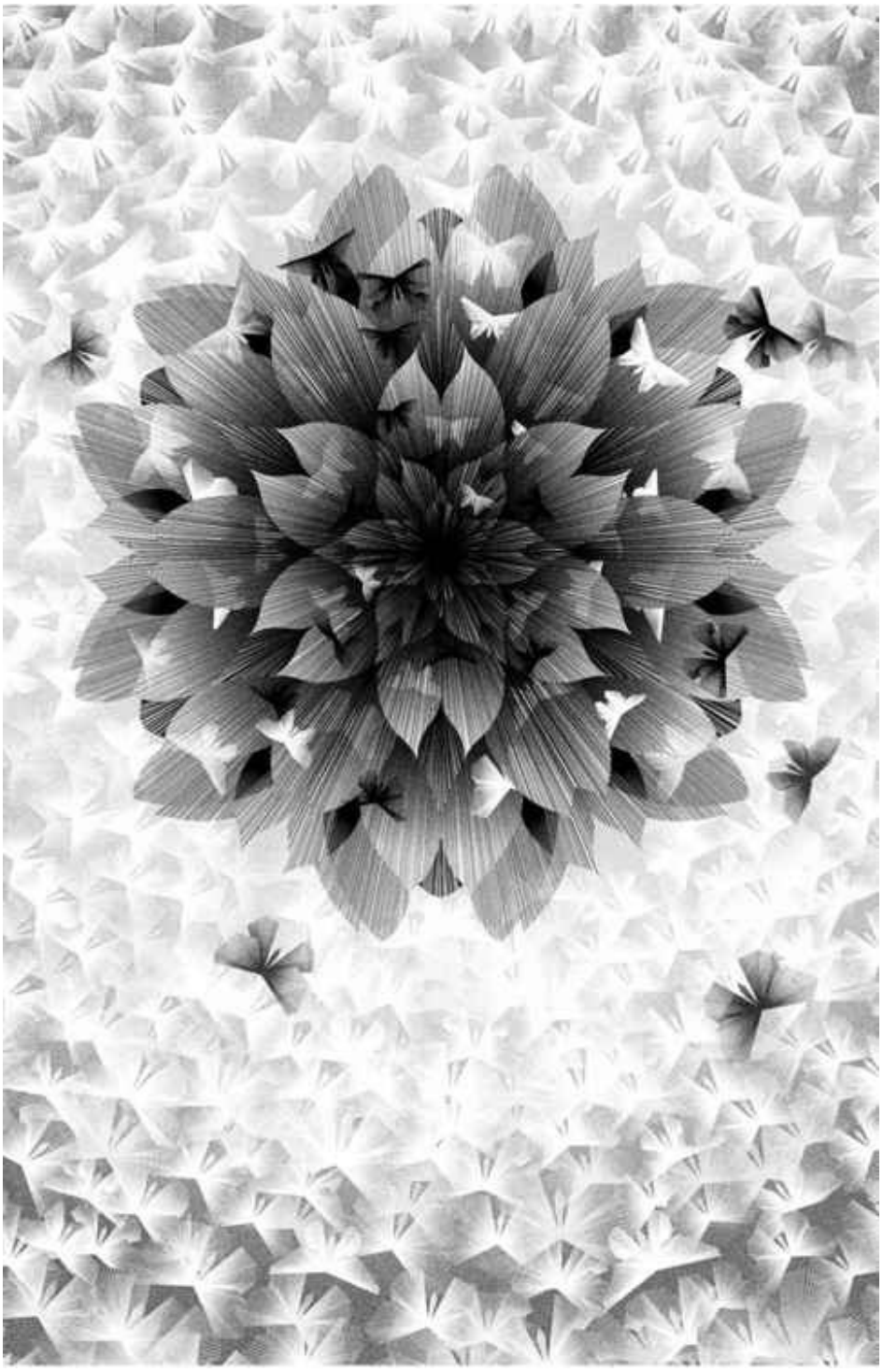
conclusão é que tanto a escassez emocional quanto a aversão de companhia não são *sintomas* do autismo, mas *consequências* dele, do áspero aprisionamento dentro de si mesmo e da quase completa ignorância da sociedade sobre o que acontece na cabeça do autista.

Tudo o que descrevi acima se revelou, para mim, um conhecimento transformador que acrescentou muito à minha vida. Quando você sabe que seu filho quer falar com você, que ele absorve o que o cerca de forma tão atenta quanto a irmã não autista, mesmo que os indícios digam o contrário, então você pode se tornar dez vezes mais paciente, disposto, compreensivo e comunicativo, e dez vezes mais capaz de auxiliar em seu desenvolvimento. Não é exagero dizer que *O que me faz pular* me permitiu entrar em uma nova etapa no relacionamento com nosso filho. O trabalho de Naoki Higashida me deu o choque de que eu precisava para parar de sentir pena de mim mesmo e começar a pensar como a vida é dura para o meu garoto e o que posso fazer para melhorá-la. Injeções de ânimo funcionam tão bem para pais de portadores de necessidades especiais quanto para qualquer um: suas expectativas com relação ao seu filho aumentam, sua disposição para enfrentar períodos difíceis é reforçada, e a criança percebe isso e corresponde. Minha esposa começou a fazer uma tradução informal do livro para o inglês, a fim de que os acompanhantes e educadores de nosso filho, bem como alguns amigos que também são pais de autistas aqui na Irlanda, pudessem lê-lo. Mas, depois de descobrir pela internet que outras imigrantes japonesas, mães de crianças na mesma situação, se frustravam com a falta de uma tradução, comecei a imaginar se não existiria um público maior para Naoki Higashida. Esta versão para *O que me faz pular* é o resultado disso.

O autor não é nenhum guru, e, se as respostas para algumas perguntas lhe parecerem um tanto dispersas, lembre-se de que ele só tinha treze anos quando as escreveu. E, mesmo quando ele não consegue dar uma resposta curta e direta — como no caso da pergunta “Por que você gosta de alinhar seus brinquedos de forma tão obsessiva?” —, ainda assim o que ele tem a dizer vale a pena. Naoki Higashida continuou a escrever, mantém um blog quase diário, tornou-se bastante conhecido nos grupos de apoio a pessoas com autismo e tem colaborado regularmente na versão japonesa da revista *Big Issue*, uma publicação britânica concebida para ajudar pessoas sem-teto, que vendem os exemplares nas ruas. Ele diz que quer ser escritor, mas para mim é óbvio que ele já é um escritor sincero,

modesto e reflexivo, que transpôs enormes obstáculos e trouxe o próprio conhecimento sobre a mente autista para o mundo; um processo tão desgastante para ele como seria para você, digamos, atravessar uma rua movimentada carregando água com as mãos em cuia, sem derramar. Os três caracteres japoneses usados na palavra “autismo” significam “eu”, “fechado” e “doença”. Minha imaginação vê nesses símbolos um prisioneiro trancado e esquecido numa cela de confinamento solitário à espera de que alguém, qualquer um, o note. *O que me faz pular* arranca um tijolo da parede.

David Mitchell
Irlanda, 2013



Prefácio

Quando eu era pequeno, nem sabia que era uma criança com necessidades especiais. Como descobri? Com os outros me dizendo que eu era diferente de todo mundo, e que isso era um problema. Pura verdade. Para mim, era muito difícil agir como uma pessoa normal. Até hoje eu não consigo “fazer” uma conversa de verdade. Não tenho problemas em ler livros em voz alta e cantar, mas, assim que tento falar com alguém, minha voz simplesmente desaparece. Claro que às vezes consigo articular umas poucas palavras, mas elas podem acabar dizendo o completo oposto do que eu pretendia! Não consigo reagir de forma apropriada quando me dizem para fazer uma coisa e, quando fico nervoso, eu fujo, não importa onde esteja. Por isso, mesmo uma atividade simples como fazer compras pode se tornar um grande desafio para eu realizar sozinho.

Então *por que* não consigo fazer essas coisas? Durante os meus dias mais frustrantes, tristes e desesperados, eu ficava imaginando como seria se todos fossem autistas. Se o autismo fosse considerado apenas um tipo de comportamento, as coisas seriam mais fáceis e felizes para nós do que são agora. Com certeza é desagradável quando nos tornamos um grande estorvo para outras pessoas, mas o que realmente queremos é conseguir aspirar a um futuro melhor.

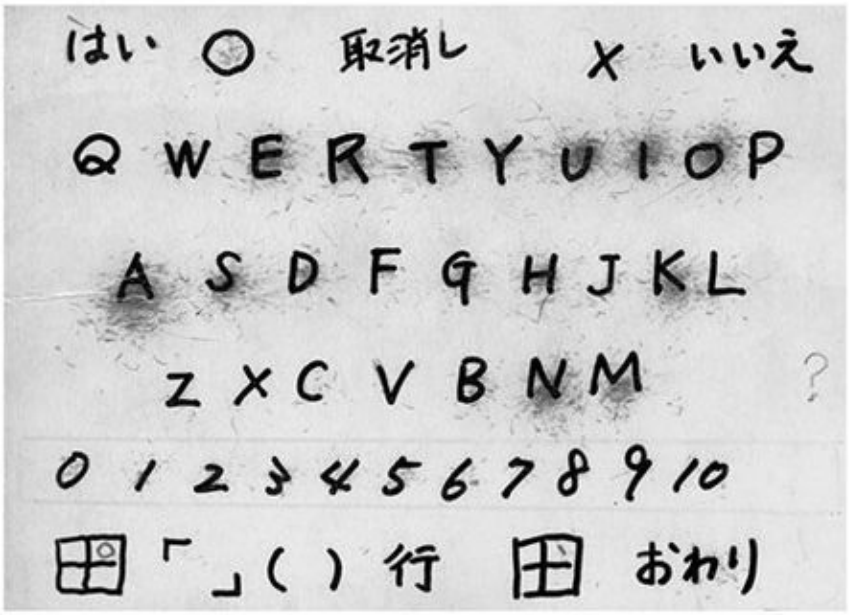
Graças aos ensinamentos da Srta. Suzuki, na Escola Hagukumi, e da minha mãe, aprendi um método de comunicação por escrito. Agora posso até usar meu próprio computador. O problema é que muitas crianças autistas não têm meios de se expressar. E é comum que mesmo seus pais não façam ideia do que elas possam estar pensando. Então, minha grande esperança é poder ajudar um pouco explicando do meu jeito o que acontece na mente das pessoas nessa condição. Também espero que, através da leitura deste livro, você possa se tornar um amigo melhor para alguém com autismo.

Não se pode julgar uma pessoa pela aparência. Mas, a partir do momento em

que você entende o que acontece dentro do outro, vocês dois podem se tornar bem mais próximos. Do seu ponto de vista, o mundo do autismo deve parecer um lugar extremamente misterioso. Portanto, por favor, pare um pouco e ouça o que tenho a dizer.

E faça uma boa viagem através de nosso mundo.

Naoki Higashida,
Japão, 2006



あいうえお
かきくけこ ゛
さしすせそ ゜
たちってと
なにぬねの っ ゃ ょ
はひふへほ
まみむめも 、
や ゆ よ 。
らりるれろ
わ を ん
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Pergunta 1:

Como você escreve essas frases?

A prancha de alfabeto é um método de comunicação não verbal. Você pode achar que a fala é a única forma de demonstrar seus pontos de vista e intenções, mas existe outra maneira de dizer o que se quer sem usar o sistema nervoso vocal. No início eu nem sonhava que poderia fazer isso funcionar, mas agora sou bastante capaz de me expressar de verdade apenas com um computador e uma prancha de alfabeto.

É uma sensação incrível! Não conseguir falar significa não compartilhar o que a gente sente e pensa. É como ser um boneco que passa a vida toda em isolamento, sem sonhos ou esperanças. É claro que levou um bom tempo até eu começar a me comunicar através do texto por conta própria. Porém, desde o primeiro dia em que minha mãe me ajudou guiando minha mão para escrever, eu comecei a descobrir uma nova forma de interagir com as outras pessoas.

Mamãe inventou a prancha de alfabeto para garantir um meio mais independente de comunicação. Com ela, posso formar minhas palavras apenas apontando para as letras, em vez de ter de escrevê-las uma a uma. Isso também me ajuda a fixar as palavras, que desapareceriam assim que eu tentasse dizê-las.

Enquanto aprendia esse método, eu muitas vezes me sentia completamente derrotado. Mas afinal cheguei ao ponto em que podia indicar as letras sem ajuda. O que me fez insistir nisso foi o pensamento de que para viver como um ser humano nada seria mais importante do que a capacidade de me expressar. Para mim, a prancha de alfabeto não é só uma ferramenta para organizar frases: é como eu comunico aos outros o que quero e preciso que eles entendam.

Pergunta 2:

Por que as pessoas com autismo falam tão alto e de forma estranha?

As pessoas sempre dizem que, quando falo comigo mesmo, minha voz é bem alta, ainda que eu não consiga dizer o que preciso, e que em outros momentos ela soa muito baixa. É uma daquelas coisas que não consigo controlar. Isso de fato me deixa mal. Por que eu não consigo consertar isso?

Quando uso uma voz estranha, não é algo que faço de propósito. Com certeza existem momentos em que acho o som da minha voz reconfortante, quando digo palavras familiares ou frases fáceis de falar. Mas a voz que não consigo controlar é diferente. Ela escapa de mim sem querer: é como se fosse um reflexo.

Um reflexo em resposta a quê? Em alguns casos, a coisas que acabo de presenciar ou então a lembranças distantes. Quando minha voz estranha é acionada, é quase impossível de segurar, e se eu tento é doloroso, quase como se eu estrangulasse minha própria garganta.

Eu ficaria bem com essa voz se estivesse sozinho, mas tenho consciência de que ela incomoda outras pessoas. Quantas vezes os sons estranhos que saem da minha boca não me deixaram morrendo de vergonha? Honestamente, também queria ser bom, calmo e quieto! Mas, mesmo que nos mandem fechar a boca e ficar quietos, nós simplesmente não sabemos como. Sinto que nossas vozes são como nossa respiração: apenas saem de nossas bocas de forma inconsciente.

Pergunta 3:

Por que você faz as mesmas perguntas o tempo todo?

É verdade, sempre pergunto as mesmas coisas. “Que dia é hoje?” ou “Amanhã tem aula?”. Sobre assuntos corriqueiros como esses, eu pergunto de novo e de novo. Não faço isso porque não entendo — na verdade, mesmo quando estou perguntando, sei que entendo.

A razão disso? É que esqueço muito rápido o que acabo de ouvir. Dentro da minha cabeça não existe grande diferença entre o que me disseram agora mesmo e o que ouvi muito tempo atrás.

Então, apesar de compreender as coisas, meu modo de me lembrar delas é muito diferente do de qualquer outra pessoa. Imagino que a memória de alguém normal seja ordenada de forma contínua, como uma fila. A minha seria mais como uma piscina de bolinhas. Sempre tento “pegar” essas bolinhas — fazendo perguntas — para chegar até a lembrança que elas representam.

Existe também outra razão para esse questionamento repetitivo: ele permite que a gente brinque com as palavras. Não somos bons em conversar e, não importa o quanto nos esforcemos, nunca falaremos com tanta facilidade quanto vocês. A grande exceção, porém, são aquelas palavras e frases que nos são familiares. Repeti-las é muito divertido. É como um jogo de bola. Ao contrário das palavras que nos mandam dizer, repetir perguntas que já conhecemos se torna um prazer — é como brincar com sons e ritmo.

Pergunta 4:

Por que você repete as perguntas que acabaram de fazer?

Há muito tempo percebi que pessoas autistas costumam repetir perguntas, como se fossem papagaios. Em vez de responder, nós dizemos a mesmíssima coisa de volta para quem perguntou. Já houve um tempo em que pensei que era só porque não sabíamos como responder, mas agora acho que existem mais coisas por trás desse mistério.

Devolver a pergunta é uma forma de peneirar nossas lembranças em busca de pistas sobre aquilo que a pessoa quer saber. Compreendemos bem o que ouvimos, apenas não conseguimos responder até localizar a lembrança e a imagem certas em nossa cabeça.

É um processo bastante complicado. Primeiro, eu busco em minha memória uma experiência o mais próxima possível do que está acontecendo no momento. Quando encontro uma comparação adequada, o passo seguinte é tentar relembrar o que eu disse na época. Se tiver sorte, consigo logo uma experiência utilizável e tudo termina bem. Se não, sou tomado pela mesma sensação opressiva que tive originalmente e não consigo responder ao que me perguntaram. Não importa o quanto eu tente evitar, aquela voz estranha escapa de mim e me faz sentir confuso e desencorajado, o que torna cada vez mais difícil falar qualquer coisa.

Em “conversas-padrão” nos saímos bem melhor. Só que, claro, quando se trata de falar dos próprios sentimentos, esses padrões não servem para muita coisa. Na verdade, se você confiar demais neles, pode acabar dizendo o oposto do que pretendia. Eu juro que conversar é um trabalho muito duro! Para ser compreendido, é como se eu tivesse que falar numa língua estrangeira desconhecida a cada minuto de cada dia.

Pergunta 5:

Por que você faz coisas que não deve mesmo que já tenha sido advertido um milhão de vezes?

“Quantas *vezes* eu tenho que *dizer* isso?!”

Nós, pessoas com autismo, ouvimos isso o tempo todo. Eu sou constantemente repreendido por fazer as mesmas coisas de sempre. Pode parecer que fazemos por maldade ou por pirraça, mas, juro, não é o caso. Quando somos advertidos, nos sentimos mal por mais uma vez termos feito algo que já nos haviam avisado que era errado. Só que, quando aparece a oportunidade, já nos esquecemos do que aconteceu na última vez e somos levados a fazer tudo de novo. É como se algo fora de nós nos forçasse a isso.

Você deve estar pensando: “Ele *nunca* vai aprender?” Sabemos que estamos deixando vocês tristes e chateados, mas sinto dizer que é como se não tivéssemos escolha, e é isso. Mas, por favor, façam o que fizerem, não desistam de nós. Precisamos de sua ajuda.

Pergunta 6:

Acha mais fácil entender os outros quando falam com você em linguagem infantil?

Crianças com autismo também crescem e se desenvolvem a cada dia, mas, mesmo assim, somos tratados como bebês para sempre. Imagino que seja porque parecemos nos comportar como se fôssemos mais novos do que somos, só que, toda vez que falam comigo como se eu ainda fosse uma criancinha, fico realmente incomodado. Não sei se as pessoas acham que vou entender melhor a linguagem tatibitate ou se acham que prefiro ser tratado dessa forma.

Não estou pedindo que falem difícil quando conversarem com autistas, apenas que se relacionem conosco como somos, de acordo com a nossa idade. Cada vez que alguém me subestima, eu me sinto extremamente infeliz — como se não tivesse nenhuma chance de um futuro decente.

Compaixão de verdade significa não pisar na autoestima alheia. Pelo menos é assim que eu penso.



Pergunta 7:

Por que você fala de um jeito tão peculiar?

Às vezes, pessoas com autismo falam numa entonação estranha ou usam a linguagem de forma diferente. Quem não é autista pode escolher o que quer dizer em tempo real, enquanto está conversando. No nosso caso, as palavras que queremos dizer e aquelas que *conseguimos* dizer nem sempre coincidem. Acho que é por isso que nossa fala pode parecer um tanto esquisita. Quando existe uma discrepância entre o que penso e o que digo é porque as palavras que saem da minha boca são as únicas que consigo acessar naquele momento. Essas palavras estão disponíveis ou porque eu as uso sempre ou porque deixaram uma forte impressão em mim em algum momento no passado.

Algumas pessoas podem pensar que também lemos em voz alta com uma entonação estranha. Isso se deve ao fato de não conseguirmos ler uma história e imaginá-la ao mesmo tempo. O próprio ato de ler demanda um grande esforço — ordenar as palavras e dizê-las em voz alta já é em si uma tarefa exaustiva.

Porém, com a prática isso melhora. Por favor, não ria de nós, mesmo que nosso desempenho não chegue nem perto do ideal.

Pergunta 8:

Por que você demora tanto para responder?

Vocês, pessoas normais, falam numa velocidade inacreditável. Entre pensar alguma coisa na sua cabeça e dizer, leva apenas uma fração de segundo. Para nós, é como se fosse mágica!

Quer dizer que existe algo errado com os circuitos do nosso cérebro? A vida sempre foi difícil para quem tem autismo, mas até agora ninguém conseguiu identificar as causas da doença. Pois é, demoramos uma eternidade para responder algo que acabaram de nos perguntar. A razão pela qual precisamos de tanto tempo não é necessariamente por não entendermos, mas porque, em geral, quando chega a nossa vez de falar, a resposta que queríamos dar já desapareceu da nossa cabeça.

Não sei bem se isso faz muito sentido para vocês. Uma vez que aquele pensamento some, nunca conseguimos recuperá-lo. *O que foi mesmo que ele disse? Como eu ia responder aquilo?...* Sei lá! E, durante esse tempo, continuamos a ser bombardeados por mais perguntas ainda. Acabo pensando: *isso é desesperador*. É como se eu estivesse me afogando numa enxurrada de palavras.

Pergunta 9:

Devemos prestar atenção em cada palavra que você diz?

Fazer sons com a boca não é o mesmo que se comunicar, certo? Acho que para muitas pessoas a coisa não é bem assim. Não existe por aí a crença de que, se alguém está usando linguagem verbal, isso significa que aquilo que diz é o que quer dizer? É graças a essa crença que autistas se tornam ainda mais fechados em si mesmos.

Só porque alguns de nós conseguem emitir sons ou pronunciar palavras não significa que aquilo que é dito é o que a pessoa quer dizer. Cometemos erros mesmo em situações básicas de “Sim” ou “Não”. É comum acontecer comigo de a outra pessoa entender ou interpretar errado o que acabo de dizer.

Como mal sou capaz de manter uma conversa, consertar o que deu errado está além do meu alcance. Toda vez que isso acontece, acabo me odiando por ser tão inútil e me fecho como uma ostra. Por favor, não suponham que cada palavra que dizemos é aquilo que pretendíamos. Sei que isso dificulta a comunicação — e não conseguimos sequer usar gestos —, mas queremos muito que vocês entendam o que se passa em nossos corações e mentes. E, no fundo, meus sentimentos são bem parecidos com os seus.

Pergunta 10:

Por que você não consegue ter uma conversa normal?

Há muito tempo venho me perguntando por que nós que temos autismo não conseguimos falar de forma correta. Eu nunca consigo dizer o que quero de verdade. Ao contrário, palavras que não têm nada a ver com nada escapam da minha boca. Isso costumava me deixar bem deprimido, e eu não conseguia deixar de ter inveja dos que podem falar sem o menor esforço. Nossos sentimentos são iguais aos de todo mundo, só não conseguimos encontrar uma forma de expressá-los.

Não temos nem mesmo controle sobre nosso próprio corpo. Tanto ficar quieto quanto se mover quando nos é pedido é um desafio — é como comandar por controle remoto um robô com defeito. Para completar, vivemos sendo repreendidos e não podemos nem nos explicar. Eu me sentia abandonado pelo mundo inteiro.

Por favor, não nos julgue apenas pela aparência. Não sei por que não conseguimos nos comunicar de forma adequada. Mas não é por não querermos falar — é porque não podemos, e sofremos por causa disso. Sozinhos, não há nada que possamos fazer quanto a esse problema, e houve uma época em que eu imaginava a razão do Eu Que Não Fala ter nascido. Mas, tendo começado a me comunicar por texto, agora sou capaz de me expressar através da prancha de alfabeto e de um computador, e, por poder compartilhar o que sinto, percebo que eu também existo neste mundo como um ser humano.

Você consegue imaginar como seria sua vida se você não pudesse falar?

O mistério das palavras desaparecidas

Nós que temos autismo nunca usamos palavras suficientes, e são essas palavras perdidas que podem fazer toda a diferença. Neste exemplo, três amigos conversam sobre sua colega de classe que tem autismo:

— Ei, ela acabou de dizer: “Todos nós!”
— Então... quer dizer que ela quer ir junto com a gente, né?
— Sei não. Talvez ela só queira saber se todo mundo vai.

Na verdade, o “todos nós” que tinham ouvido da garota autista veio de algum comentário que o professor tinha feito mais cedo na aula: “Amanhã, todos nós vamos ao parque.” E o que a garota queria descobrir era *quando* eles iriam. Ela tentou fazer isso ao repetir as únicas palavras que conseguia usar: “Todos nós”. Vocês podem ver como as palavras que faltam podem cutucar sua imaginação e gerar uma busca pelo que não existe, aqui, ali e em qualquer lugar.

Sério, que linguagem misteriosa nós, autistas, falamos!

Pergunta 11:

Por que você não faz contato visual quando está falando?

É verdade que não costumamos olhar nos olhos das pessoas. “Seja educado e olhe para a pessoa com quem está falando”, já me disseram várias e várias vezes, e mesmo assim não consigo. Para mim, fazer contato visual com uma pessoa enquanto falo é um pouco assustador, daí tento evitar isso.

Para onde, então, eu fico olhando? Você poderia achar que é para baixo ou para o ambiente. Mas estaria enganado. Na verdade, olhamos para a voz da outra pessoa. As vozes não são coisas visíveis, mas tentamos ouvir a outra pessoa com todos os nossos órgãos dos sentidos. Quando estamos completamente concentrados em entender o que você fala, nosso sentido de visão sai um pouco do ar. Se alguém não consegue discernir o que vê, é o mesmo que não ver nada.

O que me incomodou por muito tempo foi essa ideia que as pessoas têm de que, se existir contato visual enquanto conversam conosco, vamos compreender cada palavra. Ah! Se só isso fosse suficiente, minha incapacidade já teria sido curada há muito, muito tempo...

Pergunta 12:

Você parece não gostar de ficar de mãos dadas com os outros.

Não é que não gostemos de dar as mãos. É só que, quando acontece de vermos uma coisa interessante, não conseguimos nos segurar, saímos correndo na direção dela e largamos a mão que estávamos segurando. Eu nem percebo que fiz isso até ouvir a outra pessoa dizer: “É, parece que ele não quer segurar a minha mão.”

Isso me deprimia de verdade. Mas, como não consigo explicar a uma pessoa o motivo de largar sua mão, realmente tenho dificuldade em permanecer muito tempo nessa situação. E não há muito que eu possa fazer para esclarecer esse mal-entendido.

O problema não é a mão de quem estou segurando, ou mesmo o próprio ato de dar as mãos. É o impulso que jovens com autismo têm de se arremessar na direção de qualquer coisa que considerem interessante de alguma maneira: é com isso que temos que lidar.

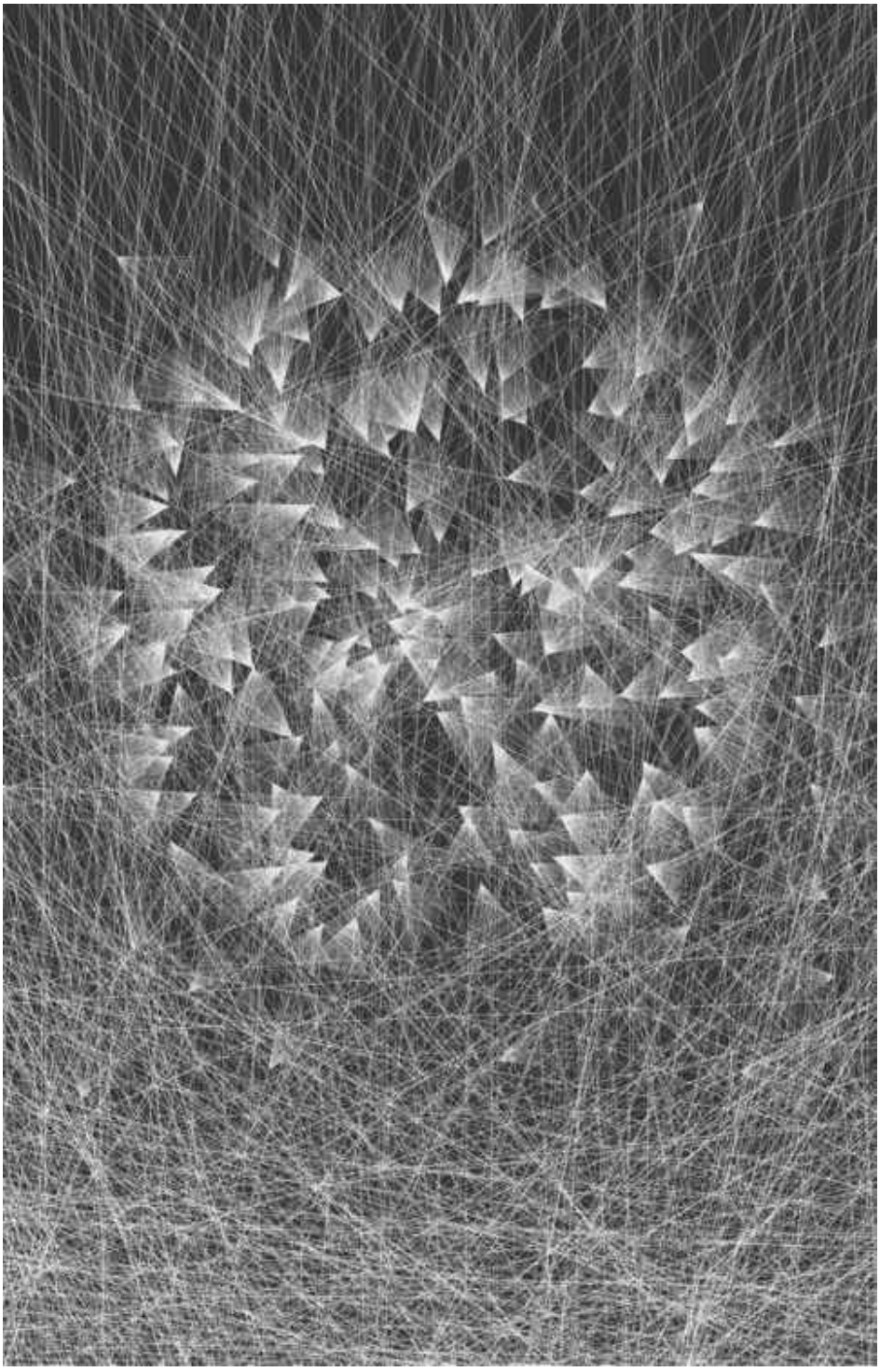
Pergunta 13:

Você prefere ficar só?

“Ah, não se preocupe, ele gosta de ficar sozinho.”

Quantas vezes já ouvimos isso? Não posso acreditar que qualquer ser humano deseje mesmo ser deixado só. De forma alguma. O que incomoda as pessoas com autismo é que nós ficamos muito ansiosos com o fato de causar problemas para vocês e deixá-los nervosos. Por *isso* é difícil para nós ficar perto de outras pessoas. E esse é o motivo para sermos deixados sozinhos com tanta frequência.

A verdade é que amamos ter companhia. Mas, como as coisas nunca dão certo, acabamos nos acostumando com a solidão sem sequer perceber como isso aconteceu. Toda vez que escuto alguém comentar o quanto eu prefiro estar sozinho, isso me faz sentir solitário demais. Sinto como se eles estivessem me dando um gelo de propósito.



Pergunta 14:

Por que você nos ignora quando estamos falando?

Eu não noto quando alguém tenta falar comigo de longe. É provável que vocês pensem “eu também”, certo? No meu caso, no entanto, a grande dor de cabeça é que, mesmo que a pessoa esteja bem na minha frente, eu continuo não reparando que ela quer falar comigo.

Mas “não notar” é diferente de “ignorar de propósito”. É comum as pessoas imaginarem que eu sou arrogante ou “retardado”. Quem está próximo sempre me faz perceber que estão falando comigo com frases como “Responde ao moço, Naoki” ou “Como é que se diz?”. Quando isso acontece, minha reação é repetir o que me disseram para falar, como um mainá que aprende uma palavra nova. Como eu me sinto culpado em relação à pessoa que falou comigo e, mesmo assim, não consigo me desculpar, acabo ficando muito infeliz e envergonhado por não poder manter um relacionamento humano decente.

Quem olha para uma montanha distante não repara na beleza de um dente-de-leão que está bem na sua frente. E quem se aproxima para olhar o dente-de-leão não vê como é bela a montanha ao longe. Para nós, as vozes das pessoas são mais ou menos assim. Apenas pelo som da voz, é muito difícil saber que alguém está logo ali querendo falar com você.

Seria de grande ajuda para nós se todos pudessem nos chamar pelos nomes primeiro para atrair nossa atenção e só então começar a conversar.

Pergunta 15:

Por que suas expressões faciais são tão limitadas?

Nossas expressões só parecem limitadas porque vocês pensam de forma diferente de nós. Por um bom tempo, fiquei chateado de não poder rir junto com todo mundo. Acho que o conceito de um autista sobre o que é engraçado é diferente do de vocês. Mais que isso, muitas vezes as coisas parecem um tanto desesperadoras para nós, pois nossa vida cotidiana é repleta de situações difíceis de lidar. Outras vezes, se ficamos surpresos, tensos ou embaraçados, simplesmente congelamos e não conseguimos demonstrar nenhuma emoção.

Os autistas não acham engraçado falar mal das pessoas, zombar delas, fazê-las de bobas ou enganá-las. O que nos causa um riso espontâneo é ver algo bonito ou lembrar algo que consideramos divertido. Isso costuma acontecer quando não tem ninguém olhando. E de noite, sozinhos, podemos explodir em gargalhadas embaixo do edredom ou rolar de rir num cômodo vazio... Quando não temos que pensar nos outros ou em nada mais, é aí que exibimos nossas expressões naturais.

Pergunta 16:

É verdade que você detesta ser tocado?

Eu não tenho nenhum problema específico com o contato físico, mas, com certeza, algumas pessoas autistas não suportam ser abraçadas ou tocadas. Para ser honesto, não tenho ideia do motivo — imagino que isso deve deixá-las desconfortáveis. Mesmo a diferença na maneira de se vestir de acordo com a estação, usando mais roupas no inverno e menos no verão, pode ser uma grande dificuldade para pessoas com problemas táteis. Não é fácil para nós agir de forma adequada às mudanças de situação.

De modo geral, para um autista o fato de ser tocado significa que outra pessoa está exercendo controle sobre um corpo que nem mesmo seu dono é capaz de controlar direito. É como se perdêssemos o que somos. Pense nisso, é apavorante!

E existe sempre o pânico de que, ao sermos tocados, nossos pensamentos possam se tornar visíveis. Se isso acontecesse, a pessoa iria se preocupar *muito* conosco. Dá para perceber? Levantamos uma barreira ao nosso redor para manter os outros do lado de fora.

Pergunta 17:

Por que você acena para os outros com a palma da mão na sua direção?

Quando era pequeno e me diziam “Dá tchau!”, eu acenava para as pessoas com a palma voltada para dentro. Também achava quase impossível dançar ou fazer exercícios simples de ginástica. A razão é que imitar movimentos é difícil para os autistas. Como não temos muita noção das partes do nosso corpo, mover aquelas que estão ao alcance da visão é o primeiro passo na tentativa de reproduzir os movimentos dos outros.

Nunca entendi quando me diziam que eu estava acenando ao contrário, até o dia em que me vi fazendo isso num espelho de corpo inteiro. Foi aí que percebi: estava dando tchau para mim mesmo!

Caindo fora

— Eu corro mais rápido que qualquer um — disse a Lebre saltitando por todo lado.

— Mas nós duas apostamos uma corrida há muito tempo para resolver essa questão e eu fui a vencedora — respondeu a Tartaruga, irritada. — Eu sou mais veloz.

Os outros animais não estavam nem um pouco interessados. “Ah, quem se importa?”

Mas a Lebre insistiu em outra corrida, então a Tartaruga acabou por concordar e as duas se dirigiram para a linha de largada.

A disputa entre a Lebre e a Tartaruga estava prestes a começar.

— Três, dois, um... Já!

A Lebre partiu em disparada.

A Tartaruga tropeçou e caiu de costas, o que fez com que todos os outros animais corressem em sua direção para ver se ela estava bem.

— Coitadinha, machucou? Melhor você ir para casa e descansar.

E todos carregaram a Tartaruga até sua casa.

A Lebre atravessou a linha de chegada.

Não havia ninguém lá além dela.

Pergunta 18:

O que se passa em sua cabeça quando você está eufórico?

Às vezes, os autistas começam a rir sem parar ou parecem estar se divertindo a valer sozinhos e sem qualquer motivo óbvio. Vocês devem ficar imaginando: *O que deu nele*?

Nesses momentos, nós estamos tendo “imaginamentos”. A palavra não é bem essa, mas é quando vivenciamos imagens ou cenas que surgem do nada em nossa mente. Pode ser a lembrança de algo que nos fez rir ou da página de um livro que tenhamos lido.

Talvez seja difícil para vocês entenderem. Mas tentem imaginar que esses “baratos” são uma versão bem mais forte de quando se lembram de algo engraçado e não conseguem deixar de dar um risinho.

Pergunta 19:

Como são seus flashbacks?

Lembramos o que fizemos, quando, onde, com quem e coisas assim, mas essas memórias estão todas dispersas, nunca conectadas na ordem correta. O problema dessas recordações desordenadas é que, de vez em quando, elas se repetem na minha cabeça como se tivessem acabado de acontecer. Quando isso ocorre, as emoções que eu senti da primeira vez voltam com a mesma intensidade, como numa tempestade repentina. Isso é uma memória em *flashback*.

Eu sei que tenho muitas lembranças agradáveis, mas essas memórias em *flashback* são sempre ruins. E de repente eu me sinto muito agoniado e caio no choro ou começo a entrar em pânico. Não importa se é uma lembrança de algo muito distante, pois a mesma sensação de desespero que tive na época volta como um dilúvio e não para.

Então, quando isso acontecer, é só nos deixar chorar até voltarmos ao normal. Pode ser que toda essa barulheira que fazemos incomode, mas, por favor, tente entender pelo que estamos passando e continue ao nosso lado.

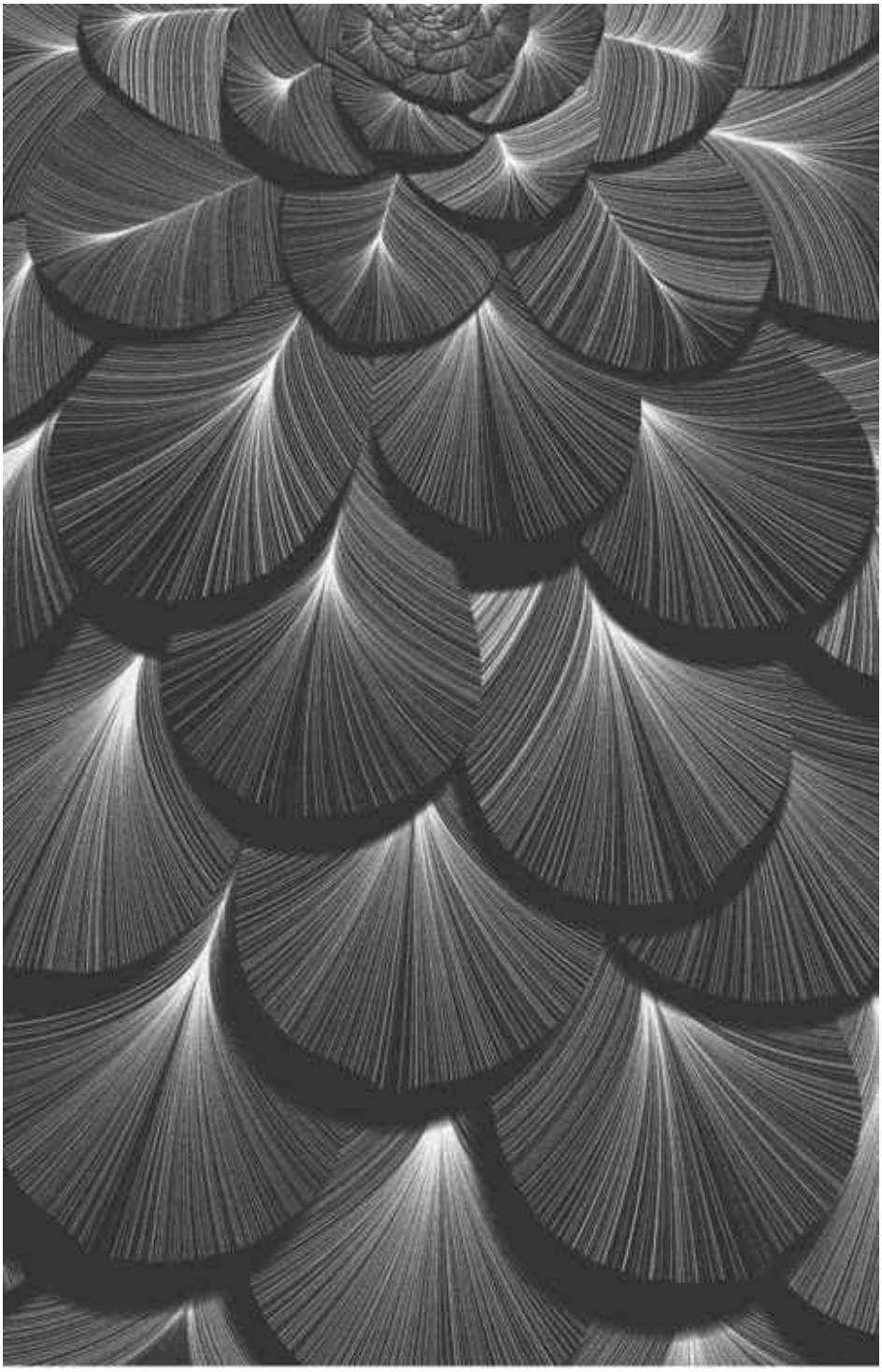
Pergunta 20:

Por que você se incomoda tanto quando comete pequenos erros?

Quando percebo que fiz algo errado, minha mente trava. Eu choro, grito, faço um escândalo e não consigo mais pensar em nada com clareza. Não importa que o erro tenha sido pequeno; para mim é uma catástrofe, como se o Céu e a Terra tivessem trocado de lugar. Por exemplo, quando encho um copo com água, não suporto derramar uma gota sequer.

Deve ser difícil para vocês entender por que isso pode me deixar tão infeliz. Eu mesmo não sei bem, apesar de ter consciência de que não é nada de mais. Mas controlar minhas emoções em tais situações é quase impossível para mim. Depois que erro, a consciência disso começa a crescer como se fosse um tsunami. E aí, como as árvores e casas destruídas pela onda gigantesca, *eu* fico devastado pelo choque. Naquele momento, me sinto engolido e não consigo distinguir a reação certa da errada. Tudo o que sei é que preciso escapar daquela situação o quanto antes para não me afogar. E faço o que puder para fugir. Chorar, gritar, atirar coisas, até mesmo espernear e bater...

No final de tudo, vou me acalmar e recuperar o controle. Aí não vejo nenhum sinal da devastação do tsunami, só a bagunça que eu mesmo fiz. E, quando percebo isso, me odeio. Simplesmente me odeio.



Pergunta 21:

Por que você não faz as coisas assim que mandam?

Às vezes, eu não consigo fazer o que quero ou o que deveria. Mas não significa que não queira fazer. É só que eu não consigo juntar as coisas na minha cabeça. Mesmo quando se trata de uma tarefa simples, é impossível ir lá e começar com a mesma naturalidade de vocês. É assim que eu tenho que fazer as coisas:

1. Pensar sobre o que preciso fazer.
2. Visualizar como fazê-lo.
3. Me animar a começar e prosseguir.

A tranquilidade com que executo a tarefa depende da maneira como consigo coordenar esse processo.

Há situações em que não tenho como fazer nada, por mais que eu queira. É quando meu corpo fica além do meu controle. Não quer dizer que eu esteja doente ou algo assim. É como se todo o meu corpo, exceto minha alma, pertencesse a outra pessoa e eu não tivesse nenhum domínio sobre ele. Acho que vocês nunca seriam capazes de imaginar quanta agonia essa sensação causa.

Nem sempre dá para perceber só olhando para uma pessoa com autismo, mas nós nunca sentimos que nossos corpos de fato nos pertencem. Eles estão sempre agindo sozinhos e escapando de nosso controle. Aprisionados lá dentro, lutamos o tempo todo para que façam o que mandamos.

Pergunta 22:

Você odeia quando dizemos para fazer isso ou aquilo?

Nós, crianças com autismo, gostaríamos que vocês cuidassem de nós — ou seja, “por favor, nunca desistam de nós”. E a razão pela qual digo “cuidassem de nós” é que ficamos mais fortes só pelo fato de vocês estarem por perto e atentos.

É difícil para vocês, guiando-se apenas pela maneira como reagimos, perceber se entendemos ou não o que disseram. E é comum não conseguirmos fazer alguma coisa, não importa quantas vezes vocês tenham nos ensinado como.

É o nosso jeito de ser. Sozinhos, não conseguimos fazer as coisas como vocês. Mas, assim como qualquer um, queremos sempre fazer o melhor possível. Quando notamos que vocês desistiram de nós, nos sentimos muito mal. Então, por favor, continuem nos ajudando, até o fim.

Pergunta 23:

Qual a pior coisa de ser autista?

Vocês não percebem. O fato é que vocês não fazem ideia de como nos sentimos mal. As pessoas que cuidam de nós podem até dizer: “Quer saber? Tomar conta desses garotos é um trabalho *muito* difícil!” Mas ninguém sabe o quanto nós — que estamos sempre causando problemas e somos inúteis em quase tudo que tentamos fazer — nos sentimos culpados e infelizes.

Cada vez que fazemos algo errado, levamos uma bronca ou somos ridicularizados, sem que a gente consiga ao menos pedir desculpas. E acabamos nos odiando e nos desesperando. E isso sempre volta a acontecer, de novo e de novo. É impossível não se perguntar o motivo de termos vindo a este mundo como seres humanos.

Mas eu peço a vocês, que nos acompanham o tempo inteiro, que não fiquem nervosos por nossa causa. Quando fazem isso, é como se negassem alguma importância que nossa vida possa ter, e isso mina o ânimo de que necessitamos para continuar lutando. A maior de nossas provações é a ideia de que estamos causando sofrimento aos outros. Conseguimos lidar com nossas próprias dificuldades, mas o pensamento de que nossa vida é a fonte da infelicidade de alguém é quase insuportável.

Pergunta 24:

Você gostaria de ser “normal”?

O que faríamos se existisse um jeito de nos tornarmos “normais”? Bem, aposto que as pessoas ao nosso redor — pais e professores — ficariam cheios de alegria e diriam: “Aleluia! Vamos fazer com que eles fiquem normais agora!” E durante muito e muito tempo eu também queria mesmo ser normal. A vida com necessidades especiais é muito deprimente e impiedosa. Eu achava que a melhor coisa que poderia acontecer na minha vida era ser igual aos outros.

Mas agora, mesmo que criem um remédio para curar o autismo, acho que vou querer continuar do jeito que sou. Como eu mudei de ideia e passei a pensar assim?

Em poucas palavras, aprendi que cada ser humano, com ou sem deficiências, precisa se esforçar para fazer o melhor possível e, ao lutar para conseguir a felicidade, ele a alcança. Veja bem, para nós o autismo é normal, então não temos como saber o que os outros chamam de “normal”. Porém, a partir do momento em que aprendemos a nos amar, não sei bem se faz diferença termos autismo ou não.

O terráqueo e o astronautista

Eu estava viajando de avião para Hokkaido com minha família. Era a primeira vez que eu voava em muito tempo, e fiquei surpreso ao descobrir que a sensação da gravidade agindo em meu corpo era muito agradável. Não tinha reparado nisso em minha primeira viagem, pois eu era muito pequeno na época. De qualquer modo, me veio à cabeça este conto muito curto...

Era uma vez, num planeta pequeno, verde e tranquilo.

Astronautista: Então, bem-vindo ao meu mundo.

Terráqueo: Você não se sente pesado? Para mim, é como se tivessem amarrado muitos quilos em meus braços e pernas.

Astronautista: Ah, mas no seu planeta *eu* sempre me sinto como se estivesse flutuando no espaço, sem peso algum.

Terráqueo: Ok. Agora entendo você. Entendo mesmo.

Se existisse em algum lugar um planeta com uma gravidade perfeita para pessoas com autismo, então poderíamos nos mover para qualquer lugar livremente.

Pergunta 25:

Por que você pula?

O que acham que estou sentindo quando fico pulando sem parar e batendo palmas? Aposto que nesses casos vocês acreditam que eu não estou sentindo nada além do brilho maníaco de alegria no meu rosto.

Mas, quando pulo, é como se meus sentimentos rumassem em direção ao céu. Na verdade, minha necessidade de ser engolido pela imensidão lá em cima é suficiente para estremecer meu coração. Quando estou pulando, posso sentir melhor as partes do meu corpo — as pernas saltando, as mãos batendo —, e isso me faz muito, muito bem.

Esse é um motivo, e existe outro que descobri há pouco tempo. Pessoas com autismo têm reações físicas aos sentimentos de alegria e tristeza. Então, quando acontece algo que me afeta no nível emocional, meu corpo fica tolhido, como se tivesse sido atingido por um raio.

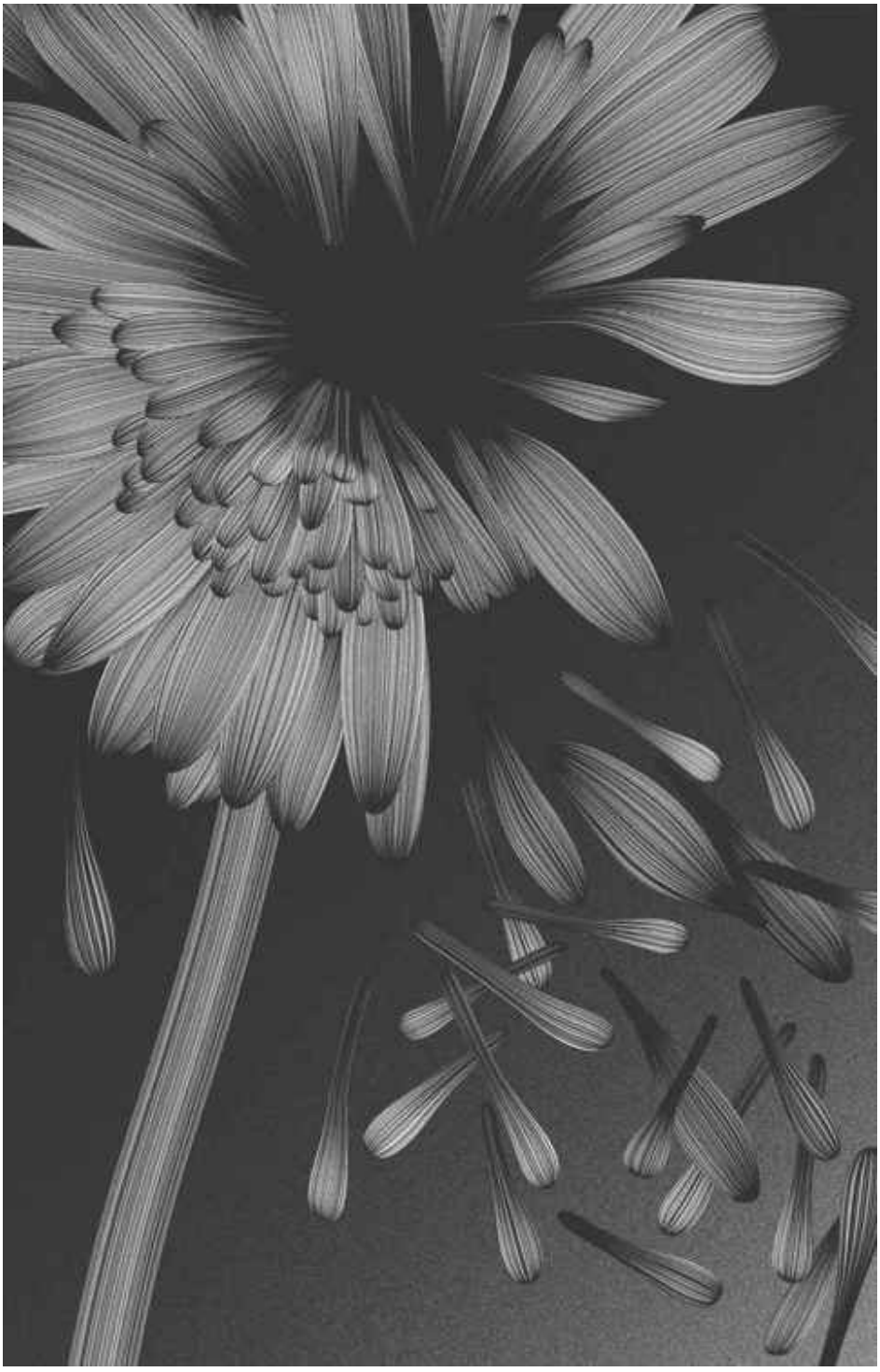
“Ficar tolhido” não significa exatamente que meus músculos se enrijecem e imobilizam, mas é como se, de certa forma, eu não estivesse livre para mover meu corpo da maneira que desejo. Nesse caso, ao pular é como se eu estivesse me libertando das cordas que me prendem. Quando salto, eu me sinto mais leve. Acho que o motivo pelo qual meu corpo é atraído para cima é que esse movimento me faz querer me transformar num pássaro e voar para algum lugar distante.

Mas, restritos tanto por nós mesmos quanto pelos outros, só podemos piar, agitar as asas e saltitar pela gaiola. Ah, se ao menos eu pudesse bater as asas e voar pelo céu azul, por cima das montanhas, para bem longe!

Pergunta 26:

Por que você escreve letras no ar?

Os autistas costumam desenhar no ar. Imagino que os outros se perguntem “Você está tentando nos dizer algo?” ou “Está pensando em alguma coisa?”. No meu caso, faço isso para confirmar algo de que quero me lembrar. Enquanto escrevo, eu me lembro do que vi, não em forma de cenas, mas como letras e símbolos. Letras, símbolos e sinais são meus melhores aliados, pois nunca mudam. Continuam sempre os mesmos, fixados em minha memória. E, quando estamos solitários ou felizes, da mesma forma como vocês poderiam cantarolar uma música para si mesmos, nós convocamos nossas letras. Enquanto eu as escrevo, posso me esquecer de todo o resto. Não estou sozinho quando estou com as letras. Elas são muito mais fáceis de controlar do que as palavras faladas, e podemos estar com elas sempre que quisermos.



Pergunta 27:

Por que as pessoas com autismo costumam cobrir os ouvidos? É quando há muito barulho?

Existem certos ruídos que vocês não percebem, mas que nos incomodam bastante. O problema é que vocês não entendem como esses sons nos afetam. Não é bem pelo fato de que o barulho nos dá nos nervos. Tem mais a ver com o medo de que, se continuarmos a ouvir, perderemos toda a noção de onde estamos. Nesses momentos, sentimos como se o chão estivesse tremendo, como se tudo ao redor de nós estivesse vindo em nossa direção, e isso é muito apavorante. Então, para nós, cobrir os ouvidos é uma forma de nos protegermos e recuperarmos a consciência do lugar onde estamos.

Os ruídos que incomodam os autistas variam de acordo com a pessoa. Não sei como lidaríamos com isso se não pudéssemos tampar as orelhas. Eu mesmo faço isso de vez em quando, embora tenha aprendido a me acostumar com o barulho pressionando as mãos nos ouvidos com cada vez menos força. Acho que alguns podem superar o problema se acostumando aos poucos com esses ruídos. O que importa mesmo é que precisamos nos sentir seguros quando somos atacados por esses sons.

Pergunta 28:

Por que você mexe seus braços e pernas dessa maneira tão esquisita?

Na aula de educação física, o professor diz coisas como “Estique os braços!” ou “Flexione os joelhos!”. Mas eu nem sempre sei o que meus braços e pernas estão fazendo. Não tenho uma sensação clara do lugar exato onde eles se prendem ao meu corpo ou de como obrigá-los a realizar as tarefas que eu quero. É como se meus membros fossem um rabo de sereia escorregadio.

Acho que, quando algumas crianças autistas tentam alcançar algo “pedindo emprestada” a mão de outra pessoa, é por não terem noção do quanto precisam esticar os próprios braços para pegar esse objeto. Além disso, não estão muito certas de como pegar o que querem, já que temos problemas para perceber e medir distâncias. No entanto, com a prática constante podemos superar essa dificuldade.

Dito isso, eu continuo sem conseguir perceber quando pisei no pé de alguém ou esbarrei numa pessoa que estava passando. Portanto, alguma conexão no meu sentido de tato também não deve funcionar direito.

Pergunta 29:

Por que você faz coisas que nós não fazemos? Seus sentidos funcionam de forma diferente?

“Por que você não usa sapatos?” “Por que só usa camisas de meia-manga?” “Por que sempre raspa ou arranca seus pelos? Não dói?” Toda vez que um autista faz algo que parece incomum para os outros, vocês devem ficar imaginando os motivos. Os autistas são diferentes em termos de sentidos? Ou essas atitudes causam algum tipo de euforia?

Na minha cabeça, as duas perguntas atiram para o lado errado. A razão seria que nos encontramos em tal estado que, se *não* fizermos essas coisas, ficamos arrasados. Se falam que os sentidos de alguém “funcionam de um jeito diferente”, isso significa que o sistema nervoso dessa pessoa está funcionando mal de alguma forma. Mas eu acho que não existe nada de errado com os nossos nervos. Em vez disso, na verdade são as nossas emoções que provocam essas reações anormais. É natural que quem está aprisionado num lugar ruim tente escapar, e é o meu próprio desespero que me faz interpretar de forma equivocada as mensagens que meus sentidos estão me enviando. Se a minha atenção está concentrada numa área do meu corpo, é como se toda a minha energia também estivesse ali. E é então que todos os meus sentidos avisam que algo de muito errado está acontecendo naquele lugar.

Se uma pessoa sem autismo passa por uma situação difícil, pode conversar sobre isso com alguém ou dar um piti. Para nós, isso nunca é uma opção, já que não conseguimos nos fazer entender. Mesmo quando estamos em pleno ataque de pânico, os outros não percebem o que está acontecendo conosco ou só nos mandam parar de chorar. Imagino que o desespero que sentimos não tem para onde ir e, por isso, preenche nosso corpo por inteiro, tornando nossos sentidos cada vez mais confusos.

Pergunta 30:

Por que vocês sentem mais ou menos dor que as outras pessoas?

Alguns autistas causam a maior confusão quando estão cortando o cabelo ou as unhas, mesmo que isso não costume doer nem um pouco. E existem outros que permanecem calmos e controlados, ainda que sejam vítimas de um ferimento obviamente doloroso.

Não acho que seja uma questão de terminações nervosas. É mais o caso da "dor interior" se manifestando no corpo. Quando alguém é invadido por lembranças, experimenta um *flashback*. Mas, no caso de pessoas com autismo, é diferente, pois nossas recordações não estão arquivadas numa ordem clara. Para os autistas que se incomodam ao cortar o cabelo ou as unhas, é provável que existam lembranças negativas associadas a essa experiência.

Alguém normal pode dizer: "É, desde criança ele nunca gostou disso e não fazemos ideia do motivo." Mas nossa memória não é como uma escala numérica na qual se pode escolher a recordação que se está procurando: é mais como um quebra-cabeça em que, se uma só peça for colocada no lugar errado, o jogo jamais ficará completo. Além disso, se uma peça for encaixada fora do lugar, todas as lembranças ao redor podem ser prejudicadas. Então não é a dor física que nos faz chorar nesses casos; é bem provável que seja a memória.

Com relação a pessoas que não mostram sinais de dor, meu palpite é que isso se deve ao fato de elas não conseguirem deixar esses sinais visíveis. Acho que é muito difícil para vocês entender direito como temos dificuldade de expressar o que sentimos. Para nós, lidar com a dor como se ela já tivesse passado é mais fácil do que deixar que os outros saibam que estamos sentindo dor.

Pessoas normais pensam que somos muito dependentes e que não podemos viver sem seus cuidados constantes, mas o fato é que às vezes somos heróis estoicos.

Pergunta 31:

Por que vocês são tão exigentes com a comida?

É verdade que certos autistas têm uma dieta bastante limitada. Eu mesmo não tenho esse problema, mas acho que, de certa forma, posso entender de onde ele vem. Nós fazemos essa coisa chamada comer três vezes ao dia, só que para alguns de nós a obrigação de consumir refeições sempre diferentes pode ser uma grande dor de cabeça. Cada tipo de alimento tem sabor, cor e formato distintos. Geralmente é essa diferença que torna o ato de comer um prazer. No entanto, para algumas pessoas com autismo, só aqueles alimentos que elas já consideram comida de verdade têm algum gosto. Qualquer outra coisa é tão apetitosa quanto as comidas de brinquedo oferecidas quando uma criança pequena resolve brincar de panelinha.

Então por que essas pessoas têm tanta dificuldade em experimentar alimentos variados? Você pode pensar que “o paladar delas não funciona bem”, e isso o satisfaz. Mas você não poderia, em vez disso, achar que elas só precisam de mais tempo do que os outros para aprender a apreciar tipos diferentes de alimentos? Mesmo quando os autistas estão satisfeitos comendo sempre aquilo a que estão acostumados, na minha opinião refeições não são apenas uma questão de nutrição, e sim uma maneira de encontrar prazer na vida. Comer é viver, e os muito exigentes devem ser incentivados aos poucos a experimentar diferentes tipos de alimentos. Pelo menos é isso que eu acho.

Pergunta 32:

Quando você olha para alguma coisa, o que vê primeiro?

Como as pessoas com autismo veem o mundo? Essa pergunta nós, e somente nós, podemos responder! Às vezes eu tenho pena de vocês por não poderem enxergar a beleza do que nos cerca da mesma forma que a gente. O fato é que a nossa visão do mundo pode ser incrível, simplesmente incrível...

Vocês podem até dizer: “Mas os olhos, que todos nós usamos para ver, funcionam da mesma maneira, certo?” Pois muito bem, talvez vocês estejam olhando para as mesmíssimas coisas que nós, só que a *maneira* como as percebemos é diferente. Sei que, quando olham para um objeto, o que veem de imediato é a coisa por inteiro, e só depois vão reparando nos detalhes. Para os autistas, são os detalhes que pulam em nossa frente, e depois pouco a pouco a imagem inteira vai se formando aos nossos olhos. Qual parte nossa visão capta primeiro depende de várias coisas. Quando uma cor é forte ou uma forma é atraente, esse é o detalhe que cativa nossa atenção, e aí nosso coração mergulha nele e não conseguimos nos concentrar em mais nada.

Cada coisa tem sua própria beleza única, que os autistas celebram como uma espécie de bênção. Não importa onde estamos ou o que fazemos, nunca ficamos de fato sozinhos. Pode parecer que não há ninguém lá conosco, mas estamos sempre na companhia de amigos.

Pergunta 33:

Você acha difícil escolher as roupas certas?

Faça chuva ou faça sol, para mim nunca é fácil usar a roupa certa ou vestir uma peça a mais ou a menos de acordo com a situação. Na verdade, algumas pessoas que sofrem de autismo se vestem da mesma maneira o ano inteiro. O que se passa com elas? Qual é a complicação de vestir ou tirar roupas de acordo com a necessidade?

Bem, sei lá! Pode estar um calor escaldante, e *sabemos* disso, só que não ocorre a um autista que tirar o agasalho é uma boa ideia. Nós entendemos a lógica, apenas nos esquecemos. Esquecemos o que estamos vestindo e como poderíamos evitar o calor.

Pelo menos consigo secar o suor do rosto com o lenço — acabei me acostumando a fazer isso. Mas usar roupas apropriadas é algo muito mais complexo, já que o clima está sempre mudando. Então, eu posso entender autistas que preferem se vestir da mesma forma todos os dias. Roupas são como uma extensão de nosso corpo, uma segunda pele, portanto é reconfortante poder usar sempre a mesma coisa. Temos necessidade de fazer o máximo possível para nos proteger das incertezas, e vestir roupas confortáveis das quais gostamos é um de nossos mecanismos de defesa.

Pergunta 34:

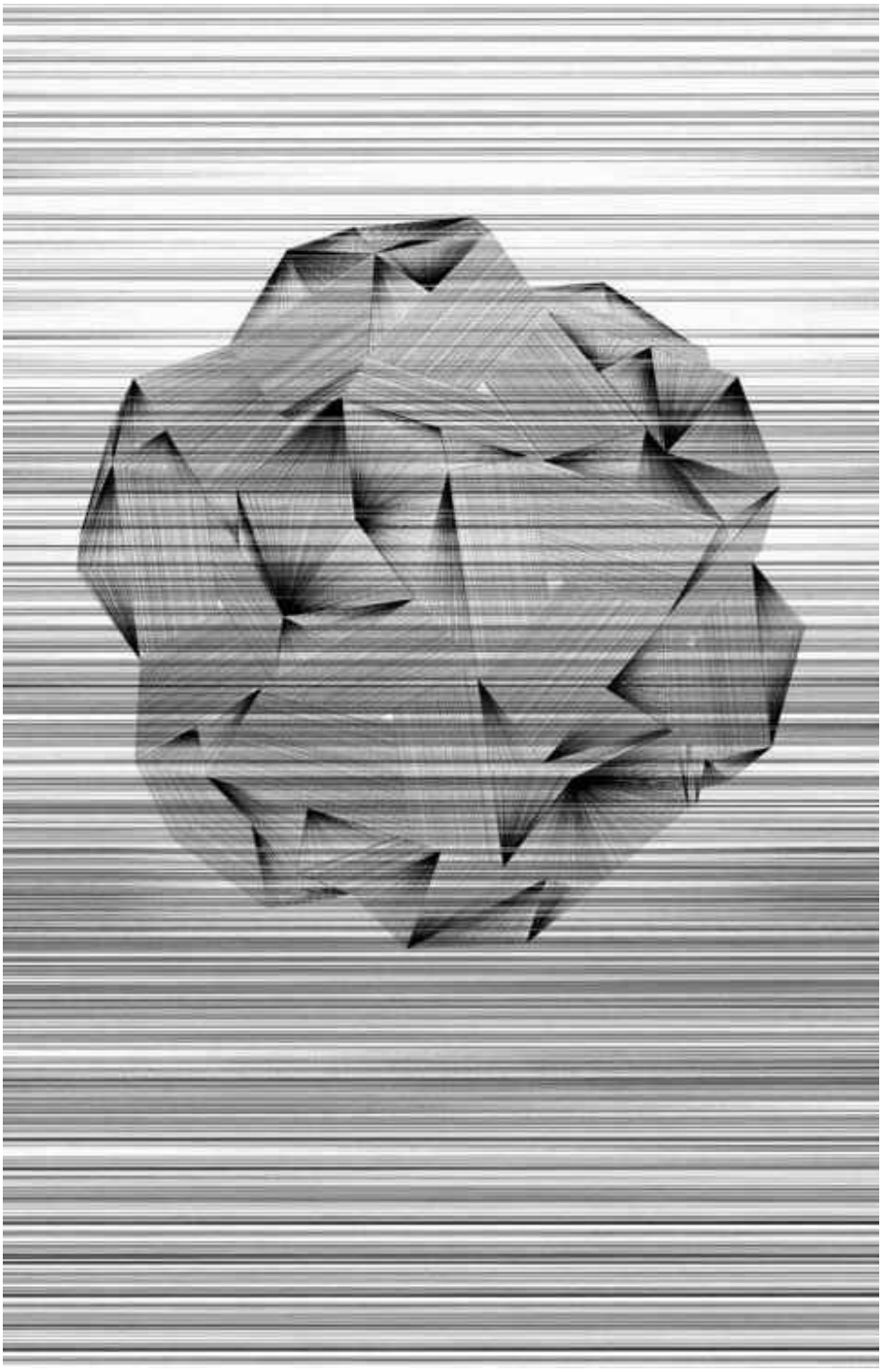
Você tem noção de tempo?

O tempo é algo constante sem limites claros, o que o torna bastante confuso para as pessoas com autismo. Talvez vocês fiquem um tanto perplexos com o fato de os intervalos e a velocidade do tempo serem muito difíceis de medir para nós e por que ele nos parece uma coisa escorregadia demais.

Para as pessoas com autismo, o tempo é tão complicado de registrar quanto imaginar a paisagem de um lugar onde nunca estivemos. Não se pode apreender o passar das horas num pedaço de papel. Os ponteiros do relógio talvez até mostrem que os minutos e segundos estão correndo, mas o fato de não podermos *sentir* de verdade isso acontecendo nos deixa nervosos.

Como sou autista, entendo isso e também me sinto assim — acreditem, é assustador. Ficamos ansiosos sobre a nossa situação no futuro e os problemas que poderemos criar. Pessoas que não precisam se esforçar para controlar a si mesmas e seus corpos nunca vão conhecer esse medo.

Para nós, um segundo pode ser muito longo e 24 horas podem passar num piscar de olhos. O tempo só se fixa em nossa memória na forma de cenas visuais. Por isso não existe muita diferença entre um minuto e um dia. O que o próximo momento nos reserva nunca deixa de ser uma enorme preocupação.



Pergunta 35:

Por que seus padrões de sono são tão diferentes?

Muitos de nós acham difícil dormir à noite. Quando eu era pequeno, também tive dificuldade para dormir várias vezes, mesmo quando era muito tarde. Parece estranho, já que seres humanos não são animais noturnos, certo? Agora é raro eu ter esse problema. A cura pode ser apenas uma questão de tempo. Quem não consegue dormir pode até parecer bem por fora, mas está exausto por dentro.

Não sei dizer o que causa esses distúrbios de sono, então o que quero é pedir que, se seu filho autista não vai para a cama na hora certa, por favor, não o repreenda, mesmo que isso continue noite após noite.

Verão sem fim

Pessoas com autismo podem ser irrequietas e agitadas o tempo todo, quase a ponto de isso parecer engraçado. É como se para nós fosse verão o ano inteiro. Muitas pessoas parecem bem relaxadas quando não estão fazendo nada em especial, mas nós andamos sempre de um lado para o outro como um garoto atrasado para a escola. Somos como cigarras que vão perder o verão a não ser que corram, corram e corram. *Bzzzzzz*, *bzzzzzz*, *crick-crick*, *crick-crick*, *chirrrrrr*... A gente se acaba de chorar, grita até perder a cabeça e nunca dá trégua em nossa batalha contra o tempo.

Quando o outono vai chegando, a vida das cigarras acaba. Os seres humanos ainda têm muito tempo pela frente, mas para nós, autistas, que somos quase desvinculados do passar do tempo, a correria segue dia e noite. Como as cigarras, nós clamamos e gritamos.

Pergunta 36:

Por que você gosta de girar?

Os autistas costumam adorar ficar girando e girando. E gostamos de transformar em pião qualquer objeto que caia em nossas mãos. Vocês conseguem entender qual é a graça disso?

As coisas que nos cercam no cotidiano não ficam rodando, então qualquer objeto que gira nos fascina. Só de olhar alguma coisa rodopiar, nos enchemos de uma alegria profunda durante o tempo em que ficamos ali admirando aquele movimento perfeito e regular. É sempre igual, cada vez que fazemos isso. Coisas constantes nos confortam, e existe uma beleza nelas.

Pergunta 37:

Por que você agita os dedos e as mãos em frente ao rosto?

Balançar as mãos na frente do rosto permite que a luz entre em nossos olhos de forma agradável, filtrada. Quando fazemos isso, a iluminação se torna suave e gentil, como a do luar. Já a luz direta, “sem filtro”, meio que “alfineta” a vista dos autistas com suas linhas diretas e afiadas, pois vemos a luz de forma mais concreta. Isso chega a ser doloroso para os nossos olhos.

Apesar disso, não podemos ficar sem a luz. Ela seca nossas lágrimas e, quando estamos banhados por ela, nos sentimos felizes. Talvez amemos o modo como suas partículas se derramam sobre nós. As partículas de luz nos confortam. E admito que isso é uma coisa que não consigo explicar usando a lógica.

Pergunta 38:

Por que você sempre arruma seus brinquedos em fileiras?

Enfileirar as coisas é uma grande diversão. Ver a água correr também é muito legal. Outras crianças costumam gostar de brincadeiras de imaginação e faz de conta, mas um autista não consegue ver graça nisso.

O que me importa — e, na verdade, me deixa bastante obsessivo — é em que ordem as coisas estão e as diferentes formas de alinhá-las. O que adoramos mesmo são as linhas e superfícies dos quebra-cabeças. Coisas desse tipo nos fascinam. Quando brincamos assim, sentimos nosso cérebro centrado e revigorado.

Pergunta 39:

Por que você gosta de ficar na água?

Só queremos voltar a um passado bem distante. Para uma era primitiva, que existia antes do surgimento dos seres humanos. Acredito que todas as pessoas com autismo sentem o mesmo. Formas de vida aquática se desenvolveram e evoluíram, mas por que emergiram para a terra firme e se tornaram humanos que escolheram viver controlados pelo tempo? Para mim, esses são verdadeiros mistérios.

Dentro d'água é tão calmo, e eu me sinto livre e feliz. Lá ninguém nos incomoda. É como se tivéssemos todo o tempo do mundo. Podemos só ficar parados ou nadar de um lado para o outro. Quando estamos na água, podemos de fato estar em harmonia com o compasso do tempo. Do lado de fora, sempre existe muito estímulo para os olhos e ouvidos e se torna impossível para nós distinguir entre um segundo e uma hora.

Autistas não têm liberdade. O motivo é que somos um tipo diferente de seres humanos, nascidos com sentidos primitivos. Nós estamos fora do fluxo natural do tempo. Não conseguimos nos expressar e lutamos com nossos próprios corpos a vida inteira. Se ao menos pudéssemos voltar para aquele passado distante e líquido, então conseguiríamos viver de forma tão livre e feliz quanto o restante de vocês!

Pergunta 40:

Você gosta de anúncios de TV?

Essa é difícil. Não tenho uma resposta certa. Se vocês imaginam que gostamos dos anúncios por termos sempre os slogans e as frases de efeito na ponta da língua, a coisa não é bem assim. A gente se lembra bem deles, já que se repetem com frequência, e, claro, corremos para a TV quando passa uma propaganda que nos é familiar. Gostamos de ver aquelas que conhecemos bem. Será que vocês que não são autistas têm uma reação tão diferente assim aos comerciais? Afinal, eles passam o tempo todo, então vocês não sentem como se estivessem sendo visitados por velhos e queridos amigos?

Eu não sou um grande fã dos anúncios em si, mas fico animado quando vejo um ao qual estou acostumado. Isso é porque eu sei com exatidão o que acontece neles e também me sinto reconfortado com o fato de eles nunca durarem muito. Se aos seus olhos parecemos felizes quando estamos acompanhando um comercial, deve ser porque ficamos mais calmos, estáveis e com o rosto mais neutro do que em outros momentos. Quando vocês nos observam assistindo a um anúncio na telinha, talvez consigam um pequeno vislumbre de como realmente somos.

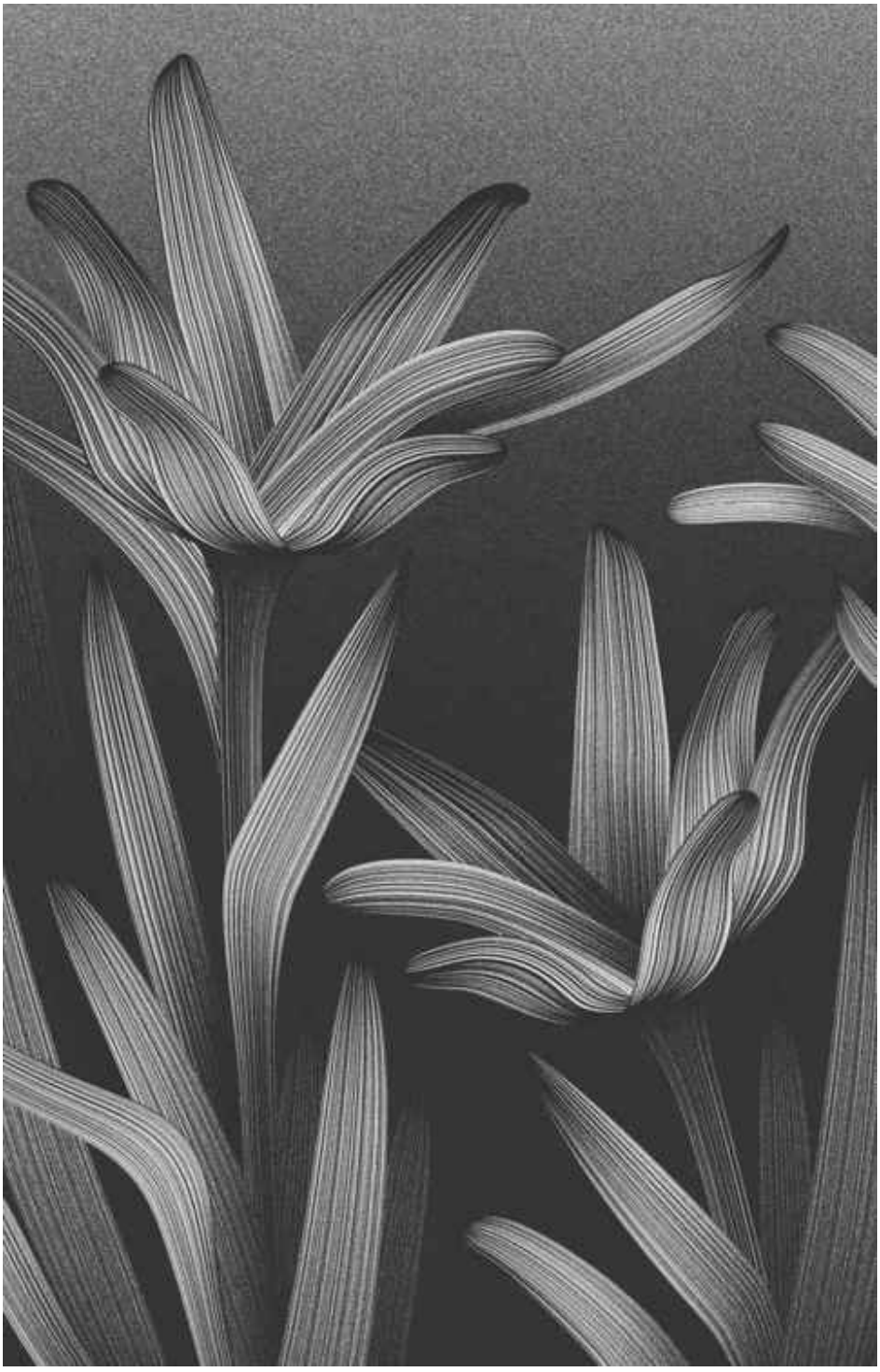
Pergunta 41:

De que tipo de programa de TV você gosta?

Apesar da minha idade, ainda gosto de um programa para criancinhas chamado *Assistindo com Mamãe*. Ao ler isso, vocês devem estar pensando: “Ah, no final das contas esse cara não passa de uma criança grande!” Só que, em minha humilde opinião, não é o caso. É verdade que podemos parecer criancinhas pelo nosso apego por coisas agradáveis, gentis e bonitas. Mas não é por infantilidade que preferimos narrativas mais simples e diretas; é porque é mais fácil para nós adivinhar o que vai acontecer em seguida. Isso nos permite ficar mais relaxados e envolvidos. E, como essas histórias mais simples tendem a ser muito repetitivas, quando chegamos a uma cena reconhecível, podemos ficar empolgados e comemorar.

A repetição é sempre uma garantia de alegria para o autista. Se me perguntassem o motivo, minha resposta seria a seguinte: “Quando *você* está num lugar novo e desconhecido, também não fica aliviado ao encontrar um rosto familiar e amistoso?”

O que não fazemos é disputar, barganhar ou criticar os outros. Ficamos completamente indefesos nessas situações.



Uma história que ouvi por aí

Havia uma garota que usava sapatos vermelhos e amava dançar. Todos que a conheciam pensavam: *Essa menina vai continuar dançando até o dia que morrer*. E, quem sabe, talvez ela pensasse o mesmo.

Uma noite, enquanto todo mundo estava dormindo profundamente, a garota começou a dançar. E lá foi ela:

Um giro, um rodopio, um salto girando,
Pula num pé e noutro, ri-co-che-teia
E bate o pé no chão e sa-pa-teia
E trá-lá-lá e dim dem dom

Ela era puro êxtase. *Como é sublime dançar!* E assim continuou por toda uma semana. Foi aí que pensou: *Imagino por quanto tempo ainda posso fazer isso*. Estava quase morta de cansaço, mas só o que queria era continuar girando e saltando.

Então, no oitavo dia, surgiu um belo jovem. Ele disse: “Você gostaria de dançar comigo?” Daí, a garota parou. Respondeu: “Não, obrigada. Acabo de descobrir algo mais precioso do que dançar.” E eles viveram felizes para sempre numa casinha.

Pergunta 42:

Por que você memoriza tabelas de horários de ônibus e calendários?

É divertido! Quem tem autismo fica muito empolgado com números. Eles são coisas fixas e imutáveis. O 1, por exemplo, é sempre e apenas o número 1. Essa clareza e essa simplicidade são muito reconfortantes para nós.

Cada vez que se lê uma tabela de horários ou um calendário, eles são sempre iguais. Podemos entendê-los com facilidade seguindo as mesmas regras. E, no quesito de coisas favoritas, somos capazes de memorizá-los com facilidade, como se estivessem sempre na ponta da língua. No entanto, autistas têm muita dificuldade de entender coisas invisíveis, como relacionamentos e expressões ambíguas.

Talvez vocês pensem que não é nenhum grande esforço escrever estas frases, mas isso não é verdade. Está sempre ali, escondida num cantinho da minha mente, a angústia de não saber se compreendo ou não as coisas da mesma maneira que as pessoas que não sofrem da minha condição. Então, através da TV, dos livros ou apenas observando quem está ao meu redor, passo o tempo todo aprendendo a forma como os outros deveriam se sentir em determinadas situações. E, cada vez que descubro algo novo, escrevo um conto que aborda essa questão. Assim, com sorte, isso não vai sumir da minha memória.

Pergunta 43:

Você não gosta de lidar com frases longas?

Não é que eu não goste de frases mais longas. O que quer que aconteça, estou sempre ávido por aprender muitas coisas diferentes. Fico muito triste em perceber que as pessoas não entendem a sede de conhecimento que nós, autistas, temos. O problema não é que eu me incomode com as frases longas. Mas a minha paciência se esgota com muita rapidez. Eu logo fico cansado e perco a noção do que estava sendo dito. Posso ler aqueles livros ilustrados para crianças sem maiores problemas, então é o que prefiro fazer quando estou sozinho. Eles são fáceis de acompanhar, estimulam a minha imaginação e nunca me deixam cansado deles.

Quero crescer aprendendo um milhão de coisas! Devem existir muitas pessoas na minha situação que têm o mesmo desejo, a mesma atitude. Mas, na nossa condição, não conseguimos estudar sem ajuda. Para podermos aprender, precisamos de mais tempo e de diferentes estratégias e abordagens. E aqueles que nos acompanham nesse processo necessitam, na verdade, de mais paciência ainda do que nós. Eles têm que entender nossa ânsia de aprender, mesmo que aos seus olhos não pareçamos ser alunos dedicados. Mas somos. Também queremos crescer.

Pergunta 44:

O que você acha de disputar corridas?

Não é que eu deteste corridas, mas, assim que percebo que preciso ser rápido, descubro que não consigo. Se estiver correndo por diversão com meus colegas, posso continuar sem parar, como se estivesse fazendo amizade com o vento. Às vezes me dizem que corro muito bem, mas isso só acontece quando há alguém brincando comigo. Nesses momentos é uma sensação ao mesmo tempo divertida e assustadora quando a outra pessoa se aproxima de mim. Isso me dá uma injeção de velocidade e eu disparo.

Assim que me dou conta da necessidade de correr bem, torno-me incapaz disso, e o motivo não é nervosismo. Com a obrigação, assim que tento acelerar, começo a pensar em como deveria mover meus braços e pernas, e então meu corpo trava. Outra razão de não ser bom em competições é que não tenho nenhum prazer em vencer os outros. Até concordo que é correto e adequado você dar o melhor de si numa corrida, mas o desejo de vencer seus oponentes é uma coisa bem diferente. Então, em ocasiões competitivas, como os eventos esportivos na escola, o prazer de simplesmente estar lá me controla e acabo disputando a corrida com a mesma disposição de alguém que passeia por um parque.

Pergunta 45:

Por que você gosta tanto de fazer caminhadas?

Acho que muitas pessoas com autismo gostam de caminhar. Imagino se vocês conseguem entender a razão. “Andar faz com que se sintam bem?” Ou: “Pela sensação de estar ao ar livre?” Claro que as duas perguntas são boas, mas, para mim, o motivo principal é que gostamos do verde da natureza. Agora vocês devem estar pensando: “Ah, é só isso?” No entanto, acho que a nossa relação com a natureza é um pouco diferente da sua. Acredito que o que emociona vocês é a beleza das árvores, flores e outras coisas. Mas, para quem tem necessidades especiais, ela é tão importante quanto a nossa própria vida. É que, quando olhamos para a natureza, recebemos uma espécie de permissão para estar aqui neste mundo e nossos corpos ficam com as baterias totalmente carregadas. Não importa o quanto sejamos ignorados ou rejeitados pelos outros, ela sempre nos dá um abraço grande e caloroso, aqui, em nossos corações.

O verde da natureza é a vida de plantas e árvores. O verde é vida. E é por isso que gostamos de sair para passear.

Pergunta 46:

Você aproveita seu tempo livre?

O que *você* faz em suas horas vagas? Para os autistas, tempo livre é, na verdade, algo forçado. Alguém nos diz: “Agora você pode pode fazer o que quiser.” Mas na verdade é muito difícil para nós encontrar algo que gostaríamos de fazer assim tão de repente. Se estivermos perto de alguns brinquedos ou livros de que gostamos, então, com certeza, vamos aproveitar a oportunidade. No entanto, isso não é o que *queremos* fazer, e sim algo que *podemos* fazer. Brincar com itens familiares é reconfortante, pois sabemos como lidar com eles. Daí, é claro que quem está observando presume: “Ah, então é isso o que ele gosta de fazer...” Só que o que eu queria mesmo fazer era tentar ler um livro difícil ou discutir alguns assuntos.

Não somos compreendidos e daríamos qualquer coisa para mudar isso. Os autistas sofreriam colapsos nervosos o tempo todo por essa incompreensão se não se controlassem bem. Por favor, tentem entender como somos e o que enfrentamos.

Pergunta 47:

Pode nos dar um exemplo de algo de que os autistas realmente gostam?

Existe uma coisa que nos dá um grande prazer e que vocês com certeza não imaginam. É ser amigo da natureza. Não somos muito bons em relações sociais, já que pensamos demais na impressão que nós estamos causando ou na maneira certa de reagir a isso ou aquilo. Mas a natureza está sempre lá para nos envolver de forma gentil: brilhando, se agitando, borbulhando e farfalhando.

Só de olhar para uma paisagem natural, eu me sinto envolvido por ela. Nesse momento é como se o meu corpo fosse uma partícula que existia desde antes de meu nascimento e que agora está se fundindo com a própria natureza. É uma experiência tão fascinante que esqueço não só que sou um ser humano, mas que tenho dificuldades especiais para enfrentar.

A natureza me acalma quando estou furioso e ri comigo quando estou feliz. Vocês podem até pensar que não é possível que ela seja, de fato, uma amiga. Só que seres humanos fazem parte do reino animal, e os autistas talvez tenham uma consciência remanescente disso, enterrada em algum lugar bem lá no fundo. Sempre tive muito carinho por aquela parte de mim que acredita que a natureza é uma amiga de verdade.

A grande estátua de Buda

Já viu alguém se derramando em lágrimas, sem motivo aparente, durante uma viagem? Claro que *existe* uma razão para isso, só que quem está chorando não é capaz de explicá-la. Até onde se sabe, a pessoa pode estar chorando de alegria, mas pode ser que essa possibilidade nunca ocorra a você.

Bem, isso aconteceu comigo. Eu estava visitando uma cidade chamada Kamakura, faz pouco tempo, e lá existe uma grande estátua de Buda. Quando a vi, fiquei tão emocionado que as lágrimas brotaram de meus olhos de forma incontrolável. Não eram só a majestade e a dignidade da figura, mas o peso da história, dos desejos, esperanças e preces de gerações de pessoas, tudo isso me dominou por completo, e eu não consegui me controlar. Era como se o próprio Buda estivesse me dizendo: “Todos os seres precisam enfrentar provações, portanto jamais desvie do caminho que você tem que seguir.”

O coração de cada um de nós pode ser tocado por alguma coisa. Chorar não significa tristeza, ou crise, ou estar magoado. E eu gostaria que, se fosse possível, vocês mantivessem isso em mente.

Pergunta 48:

Por que você está sempre correndo para algum lugar?

Minha mente está sempre inquieta, vagando de um lado para o outro. Não é que eu queira sair correndo; só não consigo evitar disparar em direção a qualquer lugar que entre em meu campo de visão. Também fico incomodado, já que vivem me dizendo para não fazer isso. Mas não consigo me conter.

Então não fico me movendo sem parar porque me agrada. A verdade é que isso nem sequer me acalma. É como ser teletransportado de um lugar para outro sem saber. Acontece mesmo que alguém tente me impedir ou quando algo se interpõe no meu caminho. Eu meio que perco o controle por um tempo.

Qual é o meu plano-mestre para resolver esse problema? Estou sempre lutando contra esse impulso de sair correndo. Acho até que aos poucos estou conseguindo controlar melhor a situação, comparado com o que era antes. Só não consegui ainda descobrir um jeito 100% eficaz de solucionar o problema. De qualquer modo, correr e caminhar são atividades que revigoram meu corpo. E, uma vez que isso acontece, eu me sinto à vontade dentro de mim. Além disso, minha sensação de gravidade é restaurada, o que me deixa mais calmo.

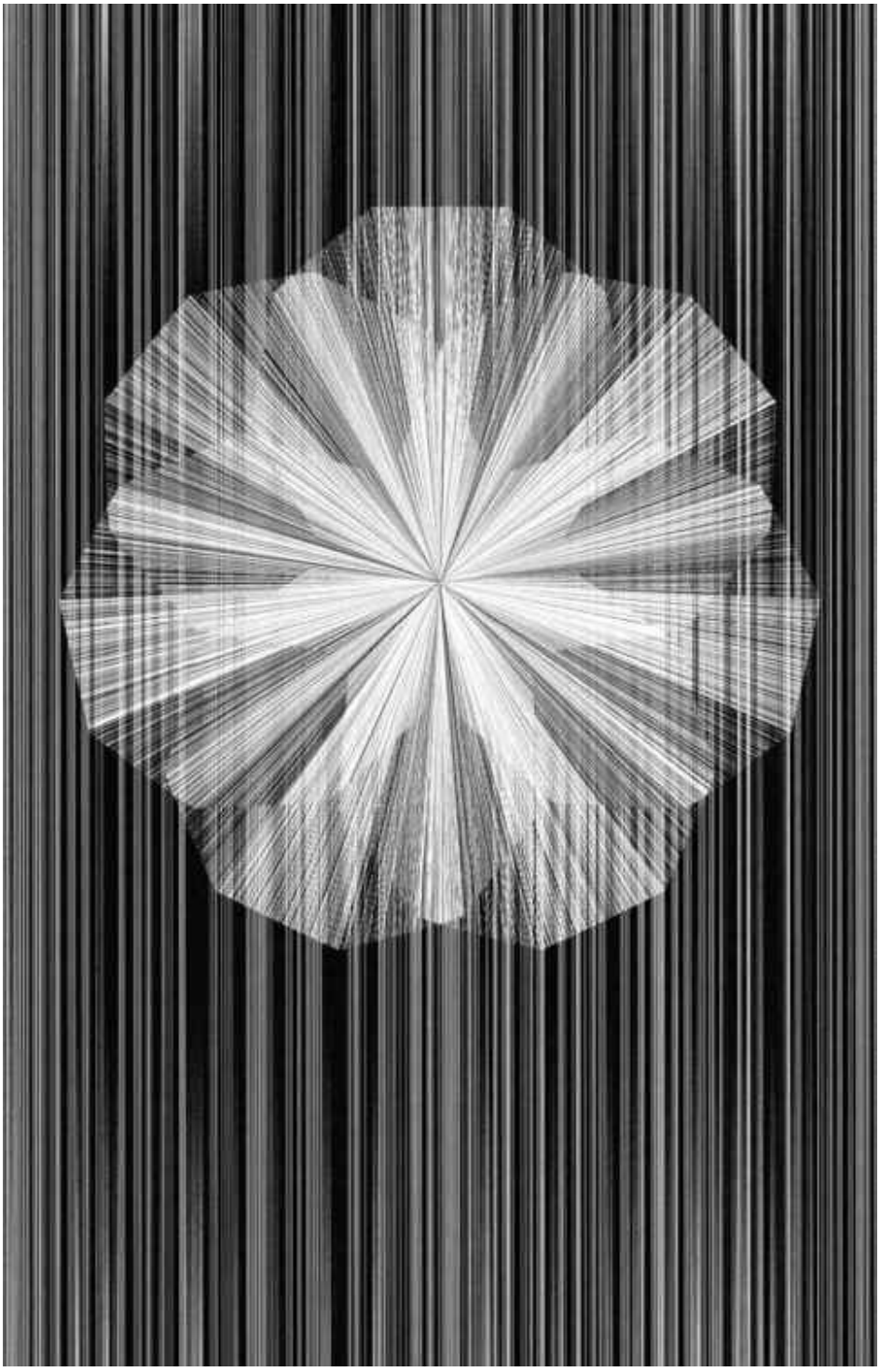
Pergunta 49:

Por que você se perde com tanta frequência?

Já mencionei que saio correndo na direção de qualquer coisa que me pareça interessante. Só que há uma razão diferente para ficarmos nos perdendo, e acho que é a seguinte: não sabemos muito bem onde deveríamos estar. Podem nos dizer que devemos seguir alguém ou segurar sua mão, mas, com ou sem essas sugestões, vamos acabar no lugar errado.

Para simplificar, os autistas nunca se sentem à vontade, não importa onde estejam. É por isso que vagamos, ou até fugimos, em busca de um lugar onde *possamos* nos sentir melhor. E, durante essa busca, não paramos para pensar como ou aonde vamos chegar. Somos engolidos pela ilusão de que, a não ser que encontremos um lugar no mundo que seja adequado para nós, ficaremos sozinhos para sempre. Daí, acabamos por nos perder e temos que ser levados de volta para onde estávamos ou para a pessoa que nos acompanhava.

Mas o sentimento de desconforto e insegurança não desaparece. Não acredito que um dia vamos encontrar nossa Shangri-Lá. Eu sei que ela só existe no interior da floresta ou nas profundezas do mar azul.



Pergunta 50:

Por que você some de casa?

Uma vez, quando eu era pequeno e ainda estava no jardim de infância, saí de casa andando e acabei sendo levado de volta pela polícia. Na verdade, naquela época eu fugia de casa com frequência, e agora, quando penso nisso, me ocorrem várias explicações sobre o motivo. Não é que eu saísse de casa com um propósito específico, como tomar ar fresco. O motivo, difícil de expressar em palavras, é que meu corpo se movia porque era atraído por algo que estava lá fora.

Enquanto eu me afastava cada vez mais de casa, não sentia nenhum medo ou ansiedade. Era simples assim: se eu não saísse, deixaria de existir. Por quê? Não sei dizer, mas eu *tinha* que continuar andando e andando. Voltar não era permitido, pois as estradas nunca terminam. Os caminhos parecem falar com as pessoas com autismo e nos convidam para continuar sempre adiante. Sei que não existe muita lógica nisso. Até que alguém nos leve de volta para casa, não sabemos o que estamos fazendo, e aí nos sentimos tão chocados quanto os outros.

Eu parei de sair de casa e vagar por aí no dia em que quase fui atropelado por um carro e a sensação de medo causou um grande impacto em minha memória. Então acho que, se algo drástico acontece, podemos passar a controlar esse impulso. Nesse meio-tempo, por favor, fiquem de olho na gente...

Pergunta 51:

Por que você insiste em refazer certas ações?

Não repetimos certos movimentos só porque temos prazer em fazê-los. Algumas pessoas podem ficar perplexas em nos observar, como se estivessem olhando para alguém possuído. Por mais que você goste de fazer uma coisa, seria quase impossível continuar sem parar, como nós fazemos, certo? Mas essa repetição não acontece de livre e espontânea vontade. É mais como se o cérebro continuasse enviando a mesma mensagem, de novo e de novo. Então, ao repetir aquela mesma ação, acabamos nos sentindo bem e muito reconfortados.

Do meu ponto de vista, sinto uma tremenda inveja de pessoas que conseguem identificar o que seu cérebro está dizendo e ter a capacidade de agir da forma adequada. Minha mente está sempre me mandando para pequenas missões, não importa se eu quero realizá-las ou não. E, se não obedeço, preciso enfrentar a sensação de horror que me invade. É como se eu estivesse sendo empurrado da beira de um precipício para cair num tipo de inferno.

Para os autistas, viver é uma batalha sem trégua.

Pergunta 52:

Por que você não faz o que pediram mesmo que já tenham falado milhares de vezes?

Crianças com autismo fazem sempre o que não devem, não importa quantas vezes se tenha falado que aquilo é errado. Nós entendemos o que vocês dizem, mas, de alguma forma, sempre repetimos o erro. Isso também acontece comigo, e fico pensando em como se dá essa situação. Primeiro faço uma ou outra coisa que não deveria, e isso tem uma consequência. Depois, sou advertido sobre o que aprontei. E, no fim, minha compulsão para fazer tudo de novo se sobrepõe ao fato de terem me dito que aquilo era errado. E acabo repetindo tudo. Em seguida, sinto uma espécie de vibração elétrica muito agradável na cabeça, e isso não se compara a nenhuma outra sensação. Talvez a coisa mais parecida seja assistir à sua cena favorita num DVD e repeti-la sem parar.

E, mesmo assim, é errado fazer aquilo que não devíamos. Já que somos seres pensantes, qual a forma de romper esse ciclo? Esse é um grande projeto. Eu me esforço muito para resolver o problema, só que isso requer muita energia. Manter esse controle sobre mim mesmo é mais do que desgastante. É nesses momentos que precisamos de sua ajuda, paciência, orientação e amor. Claro que queremos que nos impeçam de fazer algo errado, mas precisamos também que entendam como é difícil passar por essas situações.

Pergunta 53:

Por que você é tão obsessivo em relação a certas coisas?

Não é porque gostamos ou queremos. Essa obsessão se deve ao fato de que enlouqueceríamos se não fizéssemos essas coisas. Quando realizamos uma ação, qualquer que seja, nos sentimos aliviados e tranquilos. Mas, quando alguém me repreende por aquilo ou me impede de repetir, a sensação é de total sofrimento. Na verdade, eu nunca quis fazer tal coisa, e então me sinto mal por não conseguir controlar meus próprios atos. Peço que nos impeçam, de imediato, da forma que puderem, toda vez que nosso comportamento obsessivo estiver incomodando alguém. A pessoa que mais sofre é aquela que está causando dor de cabeça aos outros, ou seja, a que tem autismo. Mesmo que pareça que estamos só zoando e nos divertindo a valer, por dentro estamos sofrendo, magoados por não termos o menor controle sobre o que nosso corpo faz.

Dito isso, quando nosso comportamento obsessivo não estiver incomodando ninguém, fiquem só de olho em nós de forma discreta. Não vai durar para sempre. Um belo dia, não importa o quanto tenhamos lutado contra isso antes, esse comportamento vai sumir de uma hora para outra, sem aviso. “Como assim?” De alguma forma, nosso cérebro manda um aviso de FIM DE JOGO. É como se você tivesse acabado de devorar um saco inteiro de balas. Qualquer que fosse o motivo daquela compulsão, já não existe mais. Quando surge esse aviso, eu me sinto liberto, como alguém que conseguiu deixar de lado os sonhos da noite passada.

O problema é: Como ajudar a impedir o comportamento obsessivo dos autistas quando ele *incomoda* outras pessoas? Para os que nos acompanham, eu peço: por favor, lidem com nossas questões de comportamento acreditando que, em algum momento no futuro, elas vão passar. Quando não nos deixam fazer

alguma coisa, podemos causar a maior confusão por causa disso, mas em algum momento vamos nos acostumar. Até lá, gostaríamos que vocês permanecessem ao nosso lado.

O corvo preto e a pomba branca

Era uma vez um corvo preto que gostava de uma canção japonesa que dizia: “Corvo, corvo, corvo, você grasna por quê?” Os corvos costumam ser os provocadores e vilões que todos odeiam nas histórias, mas essa era uma exceção. Isso deixava aquele pássaro inquieto se perguntando: *Por que os corvos são sempre malvados?*

Um dia, ele encontrou uma pomba branca que havia se perdido. “Para onde vai esse caminho?”, perguntou ela. Então ela abaixou a cabeça, olhando o chão e parecendo solitária.

O corvo ficou imaginando o que estaria errado e perguntou: “Qual é o problema?”

Quase chorando, a pomba branca respondeu: “Faz muito tempo que eu procuro o caminho da felicidade sem conseguir encontrar. E ainda vivo com a responsabilidade de ser o pássaro da paz...”

O corvo preto se surpreendeu ao saber que mesmo um pássaro tão bonito e amado como aquele também tinha grandes preocupações. E disse: “Na verdade, todos os caminhos formam um só.”

Ela pareceu surpresa com aquela resposta inesperada. E depois de um tempo sorriu. “Veja só, durante todo esse tempo o caminho que eu procurava era aquele em que já estava.” Feliz, a pomba branca alçou voo rumo ao horizonte. Então, o corvo preto olhou para cima, bateu as asas com vigor e também saiu voando. E, ao cruzar o céu, parecia tão perfeito quanto a pomba branca.

Pergunta 54:

Explique sua necessidade de deixas e incentivos.

Às vezes não conseguimos seguir adiante sem algum tipo de comando verbal. Por exemplo, mesmo depois de pedir e receber um copo de suco, não conseguimos bebê-lo até alguém dizer “Espero que goste” ou “Vamos lá, tome o suco”. E, se um autista se oferece para pendurar a roupa na corda, não vai começar até ouvir de volta: “Ótimo, muito obrigado.”

Não sei por que precisamos dessas deixas, mas admito que funciono da mesma maneira. Já que sabemos o que fazer em seguida, a coisa certa seria prosseguir de imediato, certo? Claro, eu também penso assim. Mas o fato é que continuar sem algum tipo de incentivo pode ser muito difícil. Da mesma forma que não se atravessa a rua antes de o sinal ficar verde, não consigo ativar meu próximo movimento até que meu cérebro receba o comando adequado. Realizar uma tarefa sem ter o “sinal verde” é algo assustador. E pode me fazer perder o rumo por completo.

Uma vez superada essa fase aterrorizante, podemos aos poucos nos acostumar ao fato de que é possível agir sem a necessidade de um incentivo direto. Mas chegar a esse ponto não é fácil, como vocês sabem pela tremenda confusão que criamos nesses casos. Nós choramos, berramos, batemos e quebramos. Ainda assim, *não* queremos que desistam da gente. Por favor, continuem a lutar ao nosso lado. Nessas situações, nós é que mais sofremos, e queríamos muito nos libertar das correntes que nos prendem.

Pergunta 55:

Por que você nunca para quieto?

Meu corpo está sempre em movimento. Não consigo ficar parado. Quando não me movo, é como se minha alma estivesse deixando o meu corpo, e isso me deixa tão nervoso e assustado que fico ainda mais irrequieto. Estou sempre procurando a saída. E, apesar do desejo incessante de querer estar em outro lugar, nunca consigo encontrar o caminho para lá. Sempre há uma luta acontecendo dentro do meu corpo e, quando estou parado, a certeza de que sou um prisioneiro aqui fica martelando na minha cabeça. No entanto, consigo relaxar um pouco enquanto me movimento.

Todo mundo diz para pessoas autistas “Acalme-se, pare de se mexer, fique quieto” quando estamos indo de um lado para outro. Só que me sinto muito mais relaxado quando estou em movimento, então demora um pouco para entender o que significa esse “acalme-se”. No final das contas, acabei percebendo que existem momentos em que eu devo ficar parado. A única maneira de aprender isso é praticando, pouco a pouco.

Pergunta 56:

Você precisa de quadros de avisos e listas de tarefas para se orientar?

Eu tenho a noção de que um plano é apenas um plano, nunca é definitivo, mas não suporto quando um planejamento qualquer não acontece da forma como foi organizado. Sei que mudanças nem sempre podem ser evitadas, só que minha cabeça grita: “Não, isso é inaceitável.” Por isso, falando apenas por mim, não sou um grande apreciador de ter listas e quadros espalhados pela casa. Os autistas podem parecer felizes com desenhos e diagramas do que deveriam fazer e quando, mas isso, na verdade, é uma coisa restritiva. Eles podem nos fazer sentir como robôs que têm cada uma de suas ações pré-programadas. Eu sugeriria que, em vez de usar auxílios visuais, vocês conversassem conosco sobre a agenda do dia com antecedência. Quadros, desenhos e diagramas causam uma impressão tão forte em nós que, se algo muda, podemos ficar frustrados e assustados.

Infelizmente, explicar que qualquer mudança também pode ser incluída na lista também não funciona. A mensagem que tento passar é: por favor, não incluam imagens nas nossas agendas de atividades, pois isso faz com que os compromissos e seus horários e duração permaneçam registrados de forma muito intensa em nossa memória. E, quando isso acontece, nos sentimos pressionados, pois não sabemos se o que estamos fazendo condiz com a agenda. No meu caso, acabo olhando a hora com tanta frequência que não consigo mais apreciar o que acontece ao redor.

As outras pessoas acham que não vamos entender os planos para o dia apenas escutando. Mas não custa tentar e, embora possamos fazer as mesmas perguntas várias vezes, em algum momento vamos nos acostumar com a situação e perguntar cada vez menos. Com certeza vai levar um tempo, mas acho que isso é

o melhor para nós a longo prazo. É claro que, para explicar em que sequência determinada tarefa deve ser executada ou dar instruções sobre como mexer com algum objeto, auxílios visuais como figuras são de grande ajuda. Mas, por exemplo, mostrar fotos dos lugares aonde iremos na próxima excursão da escola pode tirar toda a graça da coisa.

Pergunta 57:

O que causa seus descontroles e ataques de pânico?

Não sei se vocês vão conseguir entender isso. Ataques de pânico podem ser deflagrados por várias causas, mas, mesmo que você crie um ambiente ideal, livre de todo o estresse que costuma afligir determinada pessoa, nós *ainda* teremos ataques de vez em quando.

Um dos maiores equívocos em relação aos autistas é pensar que nossos sentimentos não são tão sutis e complexos quanto os das outras pessoas. Como nos comportamos de uma forma que parece infantil aos seus olhos, vocês tendem a imaginar que é assim que somos por dentro. Só que experimentamos as mesmas emoções que vocês. E, por não sermos hábeis em nos expressar, podemos ser ainda mais sensíveis. Preso aqui dentro deste corpo desobediente, com sensações que não temos como compartilhar de forma adequada, existe uma luta constante para sobreviver. E é esse sentimento de desamparo que às vezes nos enlouquece e nos causa um ataque de pânico ou descontrole.

Quando isso acontecer, por favor, apenas nos deixe chorar e gritar até botar tudo para fora. Com carinho, fiquem próximos e vigilantes, e se formos dominados por essa tormenta interior não deixem que machuquemos a nós mesmos ou alguém mais.

Pergunta 58:

Quais são seus pensamentos em relação ao autismo?

Acho que os autistas nasceram fora do conceito de civilização. Claro que isso é só uma teoria que inventei, mas acho que há uma profunda crise, resultado de todas as matanças que existem no mundo e da devastação egoísta a que a humanidade submeteu o planeta.

E, de alguma forma, o autismo surgiu daí. Mesmo que sejamos fisicamente parecidos com os outros, somos na verdade diferentes de muitas maneiras. Como se fôssemos viajantes que vieram de um passado muito, muito distante. E, se a nossa presença servir para ajudar as outras pessoas a lembrar o que é mesmo importante para a Terra, isso nos dará satisfação interior.



Prefácio ao conto

Escrevi este conto na esperança de que vocês consigam entender como é doloroso quando não é possível se expressar para as pessoas amadas. Se, de alguma forma, esta narrativa tocar seu coração, então acredito que vocês conseguirão tocar o coração das pessoas com autismo.

Estou bem aqui

Shun achava que sabia tudo sobre si mesmo, mas depois daquele dia não teve mais tanta certeza assim. *Todos estão me encarando.* Era um entardecer agourento com o céu cheio de nuvens alaranjadas e rajadas de cinza. *Por que todos estão olhando para mim?* Quando Shun saiu do mercado da esquina, um velho perguntou:

— O que está fazendo aqui?

Era alguém que ele nunca tinha visto. Usava um boné vermelho cobrindo os olhos, camiseta branca e, apesar de ser inverno, bermuda preta na altura dos joelhos. *Nunca fale com estranhos*, Shun disse para si mesmo e saiu correndo para casa. E foi então que ele percebeu — *todos estão me encarando*. Seu primeiro pensamento foi que estavam preocupados com ele, mas não era esse tipo de olhar... Como definir? Não era surpresa, nem curiosidade... Era um olhar gelado e assustador. O que quer que fosse, Shun saiu correndo para casa.

— Voltei!

Shun ficou aliviado por estar de volta, são e salvo, afinal. Como de hábito, sua mãe estava ocupada preparando o jantar. Ele abriu a geladeira e falou enquanto pegava uma caixa de suco:

— Ei, você não sabe o que aconteceu hoje...

E então ficou sem palavras. Ela estava ali, de avental, com a panela na mão e o mesmo cabelo e as mesmas roupas que usava mais cedo, mas o rosto... Shun não conseguia mover um músculo. *Aquele mesmo olhar gélido outra vez*. Tudo ao redor dele parecia girar em câmera lenta. *Saia daqui, agora, vai embora!* E não sabia se estava pensando isso ou ouvindo a ordem de alguém. Shun conseguiu fazer seu corpo paralisado funcionar e fugiu correndo, quase aos prantos.

Quando percebeu, Shun se viu num parque sem nenhuma lembrança de como tinha chegado lá, seu corpo coberto de suor, apesar do frio que fazia. Ele estava exausto. *O que está acontecendo?* Para tentar entender, decidiu recapitular o dia. *Acordei, fui para a escola, voltei para casa. Até aí tudo normal. E depois... depois...* Ele não se lembrava de mais nada. *Que diabos eu fiz em seguida?* Sentado no banco, sentia o vento frio soprando à sua volta e olhava para o nada. Sua memória não estava lá, como a parte que falta no buraco no meio de um *donut*. Não conseguia nem chorar. *É tão estranho que uma pessoa consiga não perder a cabeça mesmo numa situação tão desesperadora quanto esta*. O sol estava se pondo e Shun pensou: *Eu tenho que fazer algo a respeito disso*. No entanto, ao mesmo tempo também sentia que *o que tiver de acontecer vai acontecer*. Quanto tempo havia se passado? Ele notou que a escuridão o envolvia e se pôs de pé.

Shun continuou caminhando sem nenhum destino específico. Não havia ninguém por perto. Talvez todos estivessem em casa. Apesar de se sentir solitário, ele não queria ver ninguém, nem mesmo seus amigos. *Será que a minha família está preocupada?* Shun deixou que suas pernas o levassem de volta para casa.

As luzes pareciam estar todas apagadas. Seu pai deveria ter chegado cedo do trabalho naquele dia, e Shun se perguntou para onde eles podiam ter ido. Ao mesmo tempo, teve uma sensação de alívio. *Devem ter ido me procurar*, pensou. *Não é que alguém tenha me maltratado mais cedo; só ficaram olhando para mim daquele jeito estranho.* Sentindo-se melhor, resolveu esperar pelos pais na frente da casa. O céu do inverno era bonito à noite e o brilho das estrelas aliviou seu coração.

Um ruído de passos se aproximou. *Devem ser mamãe e papai.* Shun correu até eles.

— Me desculpe por preocupar vocês, eu só... —Mas havia algo errado com eles. *Talvez eles não estejam conseguindo me reconhecer no escuro*. Então ele segurou o braço da mãe...

... ou achou que tinha segurado, só que o braço não estava lá. *Como? Isso não*

é possível! Ele não fazia ideia do que estava acontecendo e permaneceu ali parado, perplexo, enquanto seus pais passavam direto na sua frente. Tudo o que conseguia fazer era ficar repetindo para si: *Isso não pode ser verdade, não pode ser verdade.* Ele se encolheu no chão, abraçando as pernas. *O que está acontecendo comigo? Qual é o problema? Me ajudem. Ajudem...*

— Ah, aqui está você.

Shun ouviu a voz e levantou a cabeça. Parado ali, olhando para ele com uma expressão amistosa, estava o velho que ele havia encontrado na saída do mercado. Ele olhava para Shun com uma expressão bondosa.

— Está tudo bem. Tudo bem. Vou voltar com você.

E o velho o segurou pela mão.

Shun só ficou olhando para o velho.

O ancião lhe disse gentilmente:

— Você não pertence mais a este mundo.

Shun não fazia a menor ideia do que isso significava.

— Shun, você nem percebeu o momento em que morreu. No caminho para o mercado, foi atropelado por um carro que avançou o sinal vermelho.

A lembrança daquela cena foi retornando aos poucos. *Sim, é isso mesmo, tentei sair da frente, mas não consegui me mover, então fui atingido e pensei:* "Que coisa horrível." *Só que, quando me virei, eu continuava lá, na frente do mercado...* Os olhos de Shun se encheram de lágrimas. *Então estou morto? Eu? Morto? E nem consigo parar de chorar... Não quero estar morto. Não, não e não!*

Ele chorou e continuou chorando.

Quanto tempo se passou? Afinal, ninguém pode chorar para sempre. Aos poucos, as lágrimas secaram, mas sua mente continuava confusa. E o velho disse:

— Certo. Que tal a gente voltar agora?

Voltar? Voltar para onde?

— Mas minha casa é bem ali.

Shun deu uma olhada pela janela e viu o que acontecia na sala. *Chorando... Mamãe e papai estão chorando sem parar.*

Mais uma vez seus olhos lacrimejaram.

E agora, o que vou fazer?

O velho fez um gesto e começou a andar; Shun o seguiu como se estivesse sendo puxado por uma corda invisível. Foram na direção oeste. *O que será que me espera lá?* Apesar de estar morto, ele continuava dominado pelo medo de morrer. Perguntou com voz fraca:

— Para onde estamos indo?

Seu acompanhante o levou pelo ombro e respondeu como se estivesse falando algo muito evidente:

— Vamos para o Paraíso, é claro.

— Ah, eu... nunca estive lá antes.

O velho riu alto.

— Óbvio.

O Caminho para o Paraíso. *Li sobre isso num livro muito tempo atrás... uma linda estrada branca, cercada das mais adoráveis flores nunca vistas, que sobe até o Céu.* Pensando nisso, Shun mantinha o passo com seu guia. Cerca de meia hora se passou e ele ficou imaginando se o Caminho para o Paraíso poderia ser tão simples e sem graça como aquele. E o pior: ele não se sentia nem um pouco morto. Antes, a situação lhe pareceu sombria e desesperadora, mas agora começava a se sentir bem de novo.

— Me desculpe, senhor, será que vamos chegar logo? Estou tão cansado que poderia me deitar e morrer.

O velho riu alto, e ele riu junto.

Quem diria?, pensou Shun. *Você pode encontrar um motivo para rir em qualquer ocasião, até quando está morto.* Ponderando sobre isso, percebeu que estava se sentindo mais contente.

— Finalmente você ficou alegre com alguma coisa — disse o velho. — Então o Caminho para o Paraíso começa aqui.

Ele ergueu as mãos serenamente para o alto. Parecia estar murmurando alguma coisa, mas Shun não conseguiu entender o que era.

Agora lembro que alguém me disse uma vez que viramos estrelas depois de

morrer. Acho que foi a mamãe. Ela sempre cuidava de mim. Papai também me dava muita atenção... Mas, daqui para a frente, acabaram os jogos de bola... Ele olhou para o céu coberto pela noite e soltou um pequeno suspiro.

— No que está pensando? — perguntou o velho. — Que seu tempo acabou?

Mais uma vez, Shun ficou assustado. *Será que estou morrendo? Não, já estou morto. Então, o que vai ser de mim? Se ao menos a mamãe...* E todo o seu corpo começou a tremer.

O velho percebeu e o abraçou de modo reconfortante.

— Não há com que se preocupar. Você só vai estar ausente por um instante.

Shun ficou confuso. *Ausente por um instante? O que vai acontecer comigo?* Lenta mas regularmente, o cenário ao seu redor foi se tornando enevoado e ele desfaleceu.

Mergulhado em um sono profundo e sem sonhos, pensou: *Por que as pessoas têm que morrer? Eu ainda queria fazer tantas coisas.* Temeroso, Shun abriu os olhos para ver o que estava acontecendo. Na sua frente, havia um homem venerável de vestes brancas, e lhe ocorreu que aquele deveria ser Deus. Na verdade, esse Deus era a imagem exata de um quadro que ele tinha visto no museu de arte. *Uau, Deus! Preciso me comportar da melhor forma possível.* Para mostrar respeito, Shun se pôs de pé. *Hein? Meus pés sumiram! Então os fantasmas realmente flutuam sem precisar andar.* Daí ele percebeu uma coisa que quase lhe causou um ataque cardíaco:

— Sumiu! Desapareceu! Meu corpo não está mais aqui!

Aí já era demais e ele perdeu a cabeça, esqueceu que estava na presença de Deus e teve uma crise.

— Calma, calma, não precisa fazer isso — disse o Todo-Poderoso numa voz que soou familiar, como se Shun a tivesse ouvido há muito tempo. — Você não necessita mais do seu corpo agora que está morto, não é? Tudo aquilo que o prendia e restringia não existe mais.

Ah, claro... estou morto. E, embora não tivesse mais corpo, Shun sentiu um grande cansaço.

— Por favor, Senhor, o que vai acontecer comigo?

— Não vai acontecer nada, já que, bem, olhe à sua volta, você está no Paraíso.

O que é este lugar, afinal? Shun olhou em volta. A escuridão era ainda mais

escura do que as profundezas da noite, embora fosse pontilhada de incontáveis estrelas brilhantes. *Uau, eu nunca vi tantas estrelas no lugar onde vivia antes! Elas realmente são infinitas.* Perdido naquela beleza imaculada, ele ficou observando extasiado, deixando para trás os pensamentos sobre sua morte. Então Deus disse:

— Por enquanto, pode fazer o que quiser. Acho que você continua muito apegado à sua vida anterior e ainda tem assuntos inacabados para tratar. Com o passar do tempo, você vai perceber como as coisas funcionam.

Dito isso, Sua figura foi se diluindo e desaparecendo, como um nevoeiro se desvanecendo dentro de outro.

Era fácil para Ele dizer "Faça o que quiser", pensou. Shun se encontrava em um impasse. Lá embaixo, podia ver a Terra flutuando bela e azul na escuridão. *Então estou aqui, em algum lugar no Espaço. Mas o que faço agora? Como posso viver sem sequer ter um corpo? E estou sozinho. A primeira coisa é descobrir como se vive estando morto.* Ele não tinha a menor ideia.

Shun permaneceu no mesmo lugar por um bom tempo. *O Paraíso é bem diferente do que eu imaginava. Pensava que seria um lugar repleto de comidas maravilhosas e diversão o dia inteiro, sem nada que nos fizesse sofrer ou que nos causasse algum transtorno*. Então gritou: "Ei, o que está acontecendo? Me levem para casa de volta já!" E, assim que acabou de falar, sentiu que era puxado numa velocidade jamais experimentada.

Onde estou agora? Não, espere aí, esta é a minha casa.

— Mamãe? — chamou enquanto corria de um cômodo para o outro. Encontrou-a no quarto em estilo japonês ao lado da sala de estar. O coração de Shun batia rápido.

— Mamãe? — chamou ele de novo, de forma suave.

Mas ela não se virou.

Então, eu estou definitivamente morto, não?

Tinha perdido para sempre sua última esperança. Ele ficou de pé na frente da mãe para poder olhar bem seu rosto. Ela parecia triste e arrasada em suas roupas de luto. Em sua mente, ele pediu desculpas. *Mamãe, sinto tanto por ter morrido...*

Entre os dois soprava uma brisa sutil. A mão dela tocou o seu corpo, o mesmo corpo que não podia ser visto, já que não estava lá. E ele sentiu o mesmo calor de quando era bem pequeno e a mãe lhe fazia carinho.

O pai de Shun veio da sala de estar.

— Oi, o que você está fazendo?

— De alguma forma, sinto que ele está aqui — respondeu a esposa.

— Shun está sempre conosco. Sempre.

O filho não sabia direito o que pensar disso. *Eu morri e me fui, mas meus sentimentos são os mesmos de antes. Queria tanto ajudar mamãe e papai, só que não posso.* Ele fechou os olhos e logo se sentiu voando para longe numa rapidez impressionante.

———

Estava de volta ao lugar chamado Paraíso. Era muito silencioso lá no Espaço. Sozinho, mergulhou em seus pensamentos. Não sabia mais o que pensar de si mesmo. Nunca tinha imaginado que depois da morte se sentiria tão solitário. *Gostaria de ter alguém com quem conversar aqui.* Então ouviu alguma coisa. *Que barulho é esse?* Ficou escutando com atenção e ouviu a voz de um garoto.

— Tem alguém aí? — perguntou.

— Você deve ser o recém-chegado, certo? Oi, meu nome é Kazuo.

Shun estava maravilhado:

— Ótimo! Pensei que não havia ninguém aqui além de mim.

— Somos tão numerosos quanto as estrelas, você só não consegue nos ver ainda — respondeu o garoto. — Pode falar conosco quando quiser, com qualquer um de nós. Este mundo está além do tempo e fora do espaço. É a liberdade perfeita. Eu vivo aqui há oitenta anos, sabia?

— Não sei o que fazer aqui — explicou Shun. — Você disse que temos a mais perfeita liberdade, mas, na verdade, não existe nada neste lugar.

Kazuo apenas riu.

— Devemos fazer as coisas que não pudemos fazer quando estávamos vivos.

— E, em seguida, desapareceu.

Então existem coisas que só posso fazer agora que estou morto... Nesse momento, infinitas luzes o envolveram como um reconfortante cobertor iluminado. Era a sensação de estar sendo balançado num berço e, afinal, toda a tensão que ele sentia se desvaneceu. Pela primeira vez em muitos dias, Shun dormiu.

Agora ele já estava se acostumando com a vida no Paraíso e, como Kazuo tinha dito, fez muitos amigos. Todos eram gentis e não existiam barreiras de língua, etnia ou época. As pessoas viviam de forma tão pacífica que era difícil acreditar que tivessem brigado e discutido quando estavam vivas. Ele jamais havia imaginado que não possuir nada poderia ser tão compensador. Já havia conseguido fazer muitas das coisas que não fora capaz enquanto estava vivo. Conhecera cada canto da Terra. Conversara com muitas das pessoas do Paraíso. Tudo era novo e empolgante.

Às vezes, Shun visitava a casa dos pais. Era triste não poder falar com eles, mas ele ficava alegre só de ver os seus rostos e ouvi-los conversar a seu respeito. Era o suficiente para manter a coragem e seguir em frente.

Foi numa das visitas ao seu antigo lar que percebeu que a mãe tinha uma aparência estranha. Parecia muito infeliz e sem se alimentar. Tinha lágrimas nos olhos enquanto olhava para uma fotografia do filho.

— Shun, acho que não consigo mais viver assim, sem você. Queria ir para onde você está.

E, em seguida, desabou sobre a mesa aos prantos.

Trêmulo, ele também começou a chorar. *Pensei que ela estava conseguindo superar a minha morte. Achei que tudo ficaria bem.*

— Não chore, mamãe. Por favor, não.

Shun a segurou pelo ombro com gentileza. *Mas eu sou invisível, ela não sabe que estou aqui.* A mãe continuou chorando até escurecer e ele permaneceu ao seu lado.

Ao voltar ao Paraíso, não parou de pensar em seus pais. *Eu tinha certeza de que em algum momento as coisas voltariam ao normal para mamãe e papai. Mas parece que esse sofrimento vai durar pelo resto de suas vidas. E, mesmo que eu possa* estar *com eles, não há nada que possa fazer para* ajudá-los. Ele estava afundando em desespero. *Bem, não há outra coisa a fazer. É hora de pedir ajuda a Deus.* E chamou em voz alta:

— Deus? Tenho um favor para pedir!

Brilhando na névoa, Deus se materializou.

— Você me chamou?

— Meus pais ainda lamentam a minha morte e não há nada que eu possa fazer por eles, a sensação é... insuportável.

Enquanto ouvia, Ele concordava com a cabeça.

— Eu entendo o que você está passando. Só que... é a vida, certo? Seu pai e sua mãe terão a chance de encontrar você aqui quando for a vez deles.

As palavras não ajudaram Shun a se sentir melhor.

— Eu acho que é demais para eles aguentarem. E é impossível para mim viver feliz aqui em cima sabendo a dor que eles estão vivendo! — exclamou quase aos gritos.

— Humm... Isso é complicado. Nenhum lugar é melhor que o Paraíso... — E o Todo-Poderoso parecia imerso em pensamentos. — Bem, não estou dizendo que *não há* um jeito de ajudar seus pais.

E então falou algo bastante inesperado:

— Você pode renascer como filho deles.

Ao ouvir isso, o coração do garoto pulou de alegria.

— É mesmo? Você pode fazer isso?

Sua voz estava cheia de emoção enquanto seu coração batia cada vez mais forte. *Se isso fosse possível, eu voltaria agora mesmo.*

Como se tivesse lido esse pensamento, Deus acrescentou:

— Entretanto, há um pequeno porém. — E olhou bem nos olhos do menino. — A partir do momento em que nascer, você não será mais o Shun. Todas as suas lembranças dele, de ser ele, deixarão de existir.

Então não serei mais Eu. As esperanças de Shun murcharam. *Minha existência será apagada para sempre.* Aí ele entendeu melhor a razão de Kazuo e tantos outros amigos permanecerem no Paraíso por tanto tempo. *O que faço? Se não vou ser mais eu mesmo, qual a vantagem de renascer?*

Lá do alto, ele ficou olhando para a Terra azul.

Um mês se passou sem que Shun tomasse uma decisão. Também não tinha voltado a visitar a casa dos pais. A vida no Paraíso era agradável e o pensamento de que os veria ali um dia trazia algum conforto. *O tempo cura todas as feridas*, repetia para si mesmo.

Pouco a pouco, um ano se passou desde a sua morte.

No domingo seguinte, ele visitou seu antigo lar pela primeira vez em muito tempo. A mãe não estava lá. Estava imaginando se ela havia saído para fazer compras quando o telefone tocou. Seu pai atendeu.

— Certo — disse. — Estou a caminho.

Era uma voz grave e vazia. O pai saiu correndo porta afora e Shun o seguiu com uma sensação agourenta... E então chegaram ao hospital. Seu pai tinha uma aparência sombria. *Mamãe está doente?* Ele entrou no quarto e ficou chocado com o que viu. *É possível que esta seja a mamãe?*

A mãe estava sobre a cama, desgastada e muito pálida. Parecia alguém completamente diferente. O pai também estava exaurido.

Não é possível. Como isso pôde acontecer?

O próprio Shun se viu sufocado e incapaz de emitir um som. *Quando vivíamos juntos, mamãe era sempre tão alegre e animada.* Aquilo era apavorante.

O médico concluiu seu exame.

— Infelizmente, nas condições atuais, acho que nada garante que ela vá sobreviver — disse ele.

Mesmo antes de terminar de ouvir essas palavras, Shun foi até ela e gritou: “Mamãe, você não pode morrer ainda! Por favor, não morra! Não!” Mas sua voz não podia chegar aos ouvidos dela. *Não, isso é demais para mim. Ainda que a gente se encontre no Paraíso, essa mulher não é a mesma mamãe que eu amava.*

E, mesmo que não fosse capaz de ouvir a voz do filho, em seu delírio ela chamava o seu nome:

— Shun... eu quero ver o Shun...

Ele não conseguia suportar tamanha dor. Era como se aquilo não o deixasse respirar. *Eu pensei que pudéssemos suportar a separação, contanto que nossos corações estivessem ligados. Mas você perdeu a alegria e o desejo de viver, não foi, mamãe?* O coração dele parecia estar sendo partido ao meio. *Fui eu que*

causei tanto sofrimento, então sou eu que tenho que ajudá-la. E, se não conseguir, ela vai morrer de desgosto.

Ele se decidiu.

O futuro é feito por nós.

Ele reuniu cada grama de coragem e falou calmamente:

— Por favor, Deus, eu quero estar de novo com a minha mãe.

Surgiram no ar muitas órbitas coloridas, e no centro de cada uma havia uma pequena esfera dourada. Então, diante dos olhos de Shun, cada uma delas explodiu...

E sinos...

Sinos...

Sinos...

Ele achou que reconhecia aquele som de muito, muito tempo atrás.

No quarto de hospital, a mãe de Shun acordou de seu sono.

O marido, ansioso, perguntou:

— Como está se sentindo?

Ela não respondeu.

— Se você está se sentindo mal, eu chamo o médico.

E, quando ele estava prestes a sair correndo pela porta, ela falou:

— Shun veio me ver... Em meu sonho.

Ele segurou a mão da esposa.

— Que bom, amor!

A mulher continuou, com lágrimas nos olhos:

— Ele me disse: “Eu estou aqui, sempre, então você não precisa chorar mais, certo?” Ele parecia infeliz, acho que por causa do estado em que me encontro. Eu preciso me recuperar, juntar os pedaços.

O pai de Shun concordou com a cabeça.

— Shun *está* sempre olhando por nós. Vamos... de algum jeito... nos recuperar. Recomeçar do zero.

Pela janela, era possível ver os primeiros flocos de neve do inverno caindo com suavidade. Os cristais eram formados pelas lágrimas de Shun, e era a forma de Deus provar que aquele garoto tinha existido um dia.

— Olhe — disse a mãe. — Está nevando, como é bonito!

— A primeira neve — respondeu o pai. — Ele sempre adorou isso, não é?

Cinco anos se passaram. E, como foi prometido, no ano em que Shun tomou sua decisão, um novo bebê chegou à família. Uma menina chamada “Nozomi”, que significa “Esperança”. Naquela primavera, ela iria começar o jardim de infância.

— Devagar, Nozomi! — gritou a mãe. — Espere por mim.

— Eu vou correndo na frente, mãe — respondeu a garota olhando para trás. *Mamãe é muito lenta. Assim que eu chegar ao mercado, vou comprar um chocolate.* Seguindo sem olhar para onde ia, acabou esbarrando em alguém. — Por favor, me desculpe — disse ela.

— Você está bem? — perguntou o homem de boné vermelho. — Ei, você não é...?

— O senhor me conhece? — respondeu ela, curiosa. — Quem é você?

O homem se abaixou na frente dela:

— Já voltou aqui tão cedo? Acredite ou não, este velho aqui é um anjo.

Nozomi achou isso um tanto suspeito, já que anjos deveriam ter asas e viver no Paraíso.

— Você não é não — disse, olhando para ele com seus grandes olhos redondos.

Ele deixou escapar uma risada de contentamento.

— Então, está tendo uma boa vida?

O que significa “uma boa vida”? A menina tinha que pensar sobre isso. *Mamãe e papai costumam dizer: “Nós estamos levando uma boa vida.” Então a resposta é sim.* E, encarando o homem, disse:

— Claro que estou.

Sem fôlego, a mãe de Nozomi conseguiu afinal alcançá-la.

— O que está aprontando?

— Estou falando com ele. — Mas, quando se virou, não havia ninguém lá. — Ei, para onde ele foi? — E procurou em volta. — Tinha um velhinho simpático que disse que era um anjo.

— Eu já falei para você nunca conversar com estranhos — advertiu a mãe, um tanto severa.

Então aquele velho era um estranho? Mas seu coração se encheu de uma espécie de alegria. *O que estou sentindo agora?*

— Vamos fazer as compras, certo?

Ah, claro, o chocolate!

— Mamãe, você pode comprar chocolate? Uma barra para mim e outra para o meu irmão, por favor?

— Tudo bem, mas aposto que você vai comer as duas.

— É que ele sempre diz que eu posso ficar com a dele.

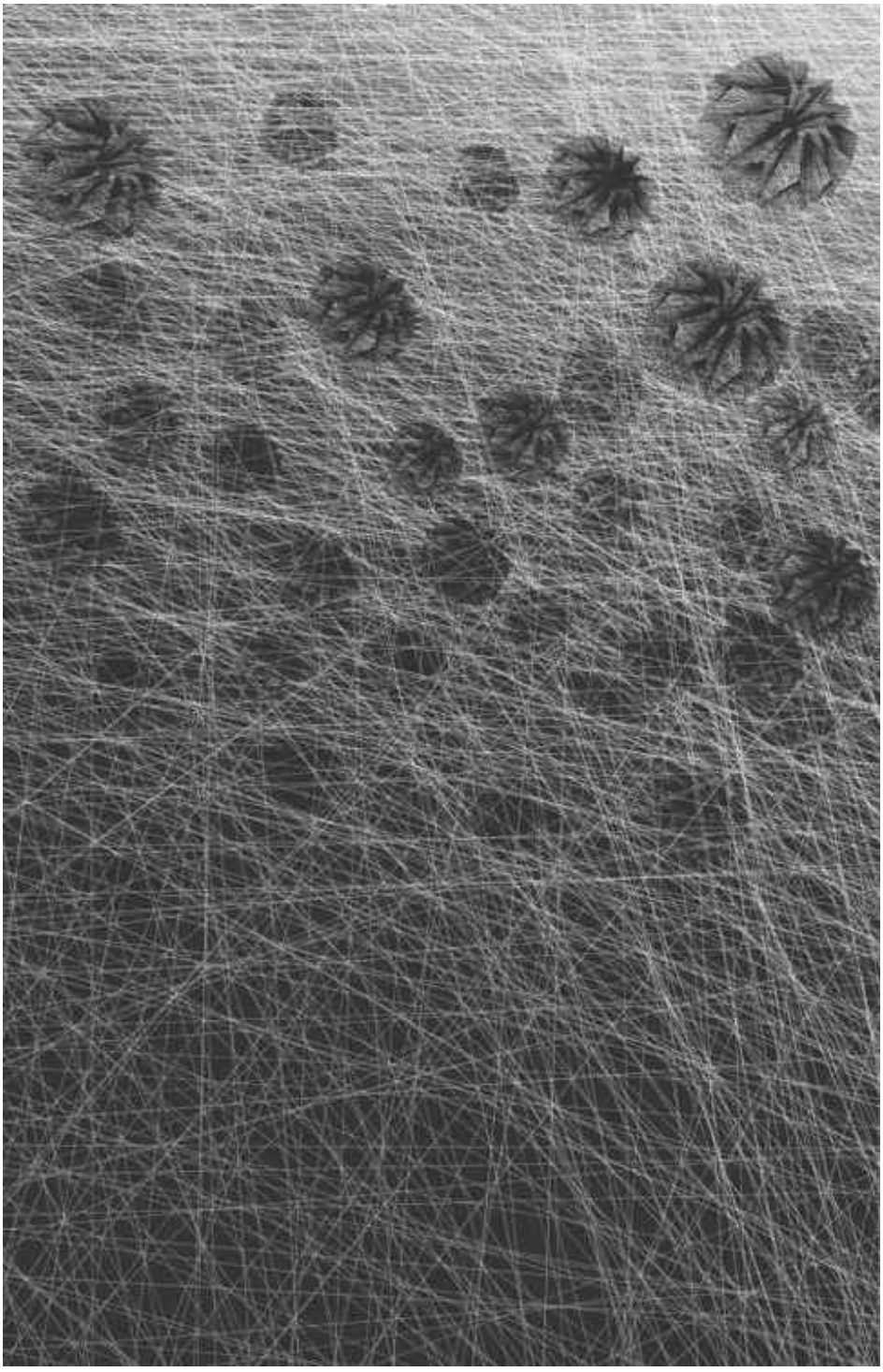
— Você tem sorte de ter um irmão tão legal!

Na volta do mercado, a mãe de Nozomi ficou pensando em Shun. *Algum dia nos encontraremos de novo. Até lá, eu tenho que continuar a vida. E vou me sair bem.*

Mais uma vez, a garotinha saiu correndo.

— Mamãe, vamos ver as cerejeiras de que meu irmão gostava tanto.

As coisas que meu irmão amava são as mesmas que eu amo. Olhando as árvores floridas, Nozomi imaginou que tipo de pessoa era Shun.



Posfácio

O que eu devo esperar do futuro se meu autismo nunca puder ser curado? Quando eu era pequeno, essa pergunta era uma tremenda preocupação. Eu tinha medo de, por ser autista, nunca poder viver como um autêntico ser humano. Não poder fazer coisas que eram corriqueiras para os outros e ter que me desculpar o tempo todo minavam minha esperança.

Tomara que, ao lerem minhas explicações sobre essa condição e seus mistérios, vocês consigam entender que os problemas que nós, autistas, causamos não são uma questão de egoísmo ou desconsideração! Se vocês puderem compreender a verdade a nosso respeito, seremos iluminados por um raio de esperança. Por mais que nossa vida seja difícil, continuaremos apegados a ela se tivermos essa esperança.

E, quando essa luz estiver brilhando sobre todo o mundo, nosso futuro e o de vocês estarão conectados. É o que desejo, acima de tudo.

Sobre o autor

© Miki Higashida



NAOKI HIGASHIDA nasceu em 1992 e foi diagnosticado com “tendências autistas” em 1998. Depois disso, passou a frequentar escolas para estudantes com necessidades especiais, formando-se em 2011. Já publicou diversos textos de ficção e não ficção e ganhou prêmios literários. Ele também dá palestras sobre autismo e mantém um blog. Mora em Kimitsu, Japão.